

# AUTORES & LIVROS

Ano 10 SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"  
20/2/1944 publicado semanalmente, sob a direção de Mário Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Vol. VI Núm. 7

## Notícia sobre Alcantara Machado

José de Alcantara Machado Em 1935 foi senador federal no patrono seu avô, o brigadeiro Oliveira nasceu em Piracicaba, São Paulo, em 10 de outubro de 1876. Era filho do dr. Brásio Alquinto Machado de Oliveira, Barão de Brasília Machado, e de Maria Leopoldina de Souza Machado de Oliveira. Fez os estudos primários na Escola Neutralidade, de João Kopke e os secundários no Colégio Moretzsohn.

Matriculando-se em 1890 na Faculdade de Direito de São Paulo (estabelecimento em que seu pai era professor), ali se formou em 1893 em ciências jurídicas e em 1894 em ciências sociais. No ano seguinte era nomeado leite no Instituto do estabelecimento, indo rege a cadeira de Medicina Legal e Higiene Pública. Em 1903 era nomeado professor catedrático da mesma disciplina. De 1927 a 1930 foi vice-reitor do estabelecimento, e foi seu diretor de 1931 a 1935.

Paralelamente a essa atividade de mestre, teve sempre Alcantara Machado uma atividade de político e homem de ação. Em 1911 era eleito vereador à Câmara Municipal de São Paulo, ali permanecendo até 1915. De 1915 a 1924 foi deputado estadual em São Paulo. De 1924 a 1930, foi senador estadual. De 1933 a 1935, foi deputado à Assembleia Nacional Constituinte e "leader" da bancada da "Chapa única por São Paulo unido".

## BIBLIOGRAFIA DE ALCANTARA MACHADO

- Do momento da execução nos contrários por correspondência. 1892.
  - A embriaguez e a responsabilidade criminal. 1894.
  - O Hipnotismo. — 1895.
  - A deformidade nas lesões pessoais — 1901.
  - Suicídio na capital de São Paulo — 1905.
  - Quatro discursos — 1912.
  - Problemas Municipais — 1915.
  - Honorários médicos — 1918: segunda edição, 1921.
  - Alocuções — 1921.
  - Vida e morte do Bandeirante — 1929: segunda edição, 1930; terceira edição (da Livraria Martins, com ilustrações de Wash Rodrigues e prefácio de S. Millot). 1943.
  - O ensino na periferia (com o professor F. Favero) — 1930.
  - O exame pericial no Direito Romano — 1930.
  - O ensino de Medicina Legal nas Faculdades de Direito — 1930.
  - Discursos de posse na Academia Brasileira de Letras, com a saudação que lhe foi feita em nome da instituição
- por Afrânio Peixoto — 1933.
- A Bancada Paulista na Constituinte — 1935.
- Discurso de saudação a Paulo Setubal na Academia Brasileira de Letras — 1935.
- Discurso de saudação a Levi Carneiro na Academia Brasileira de Letras —
- Gonçalves das Magalhães ou o Romântico arrependido — 93 páginas — Livraria Acadêmica — São Paulo — 1936.
- Brasília Machado (1848-1919) — 215 páginas — Coleção Documentos Brasileiros — Livraria José Olympio — Rio — 1937.
- Alocuções Acadêmicas — 157 páginas. Contém a seguinte matéria: Na Academia Brasileira — Elogio de Silva Ramos: Recepção de Paulo Setubal: Recepção de Levi Carneiro. Na Academia Paulista — Recepção de Plínio Alves: Palavras inaugurais sobre o 30º aniversário da Fundação da Academia Paulista. Erasmo de Rotterdam. Anacleto Amaral. Paulo Elró e Carlos Gomes.



Alcantara Machado

## SUMÁRIO

- PÁGINA 101:
- Notícia sobre Alcantara Machado.
  - Bibliografia de Alcantara Machado.
- PÁGINA 102:
- Pronunciamento de um discurso de Alcantara Machado.
  - Dedicatória de Vida e Morte do Bandeirante, de Alcantara Machado.
  - Uma recepção acadêmica, de Medeiros e Albuquerque.
  - Os inventários dos bandeirotantes, de Alcantara Machado.
- PÁGINA 103:
- Alcantara Machado e o Brasil (trecho do discurso de saudação a Alcantara Machado na Academia Brasileira) de Afrânio Peixoto.
- PÁGINA 104:
- Os Reis Magos, de Alcantara Machado.
  - O grupo bandeirante, de Alcantara Machado.
- PÁGINA 105:
- Alcantara Machado, historiador e professor (trecho de Conferência), de Levy Carneiro.
- PÁGINAS 106 E 107:
- Fato de vestir, joias e limpeza da casa, de Alcantara Machado.
  - Perfil de João Ribeiro, de Alcantara Machado.
  - S. (de Rudyard Kipling), tradução de Alcantara Machado.
- PÁGINA 108:
- Perfil de Alcantara Machado (trecho de discurso de Getúlio Vargas).
  - Um autógrafo de Alcantara Machado, Carta a Mário Leão, datada de Abril de 1931.
  - Alcantara Machado e Domingos Gonçalves das Magalhães, de Jorge de Lima.
- PÁGINA 109:
- Algumas cartas a Mario
- PÁGINA 110:
- Canção de torno viagem, de Maria Quintana (com desenho de Santa Rosa).
- PÁGINA 111:
- Palavras que enganam o tradutor de Inglês, III, de Miss Hull.
  - Olavo Bilac, de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.
- PÁGINAS 112, 113 E 114:
- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. Primeira série — Antologia da Poesia — XXIV — Ascenso Ferreira.
  - Ascenso Ferreira (nota sobre o poeta).
  - Ascenso Ferreira em companhia de Odorico Tavares, num caricatura de Augusto Rodrigues.
  - Branquinha.
  - A pega do bol.
  - A mula de nadie.
  - A cabra cabrula.
  - A casa grande de Megalope.
  - Mulata sarará.
  - Torc.
  - Senhor Sanjoão.
  - A força da tua.
  - O Verde.
  - Senhor de entzenho.
  - Sucessão de S. Pedro.
  - Nordeste.
  - Trem de Alagoas.
  - Fac-símile de um anágua de Ascenso Ferreira.
  - Monólogo com a Emigrada, de Leda Ivo.
- PÁGINA 115:
- Hereditário em português. La Congue. Traduções de Freitas Guimaraes, Eugênio Savard, Cruz Filho, Raul Machado, Cátia Brandão, Luiz Franco, Ernani Lopes, Lucio Mesquita e M. C. Bandeira Filho.
- PÁGINA 116:
- Frederico Nietzsche, de João Ribeiro.

# PERORAÇÃO DE UM DISCURSO — Alcantara Machado

Nas Academias, como no rei (houve quem o dissesse antes de mim), aparecem de quando em quando eleitos inexplicáveis, designados a sorte para encabutar a lista deles em um voto grêmio.

Mas até nas maiores extravagâncias obedece o acaso a um determinismo secreto; e pode repetir à quem se mostra indignado ou aturdido com os seus decretos sem considerarlos, a observação do demônio dantesco, errada de malícia:

"Tu non sapiv' ch'lo' logico fesse..."

Que motivo teria movido a Academia ao desacerto de escolher-me? Pensei que o gosto bem feminino de variar. A paixão do contraste levou-a a preferir os postulantes mais dignos em proveito do candidato menos parecido com o fundador e com o patrono da sede vacante.

Assim, nem por gracejo se lembraria alguém de pôr em dúvida o meu brasileirismo. Paulista sou, há quase cento anos. Prendem-me no chão de Piratininga todas as fibras do coração. todos os imperativos racinam. A mesa em que trabalho, a tribuna que ocupo nas escolas, nos tribunais, nas assembleias políticas dita raízes, como o leito de Ulisses, nas camadas mais profundas do solo em que dormem para sempre os mortos de que venho. A fala provinciana, que me embalou no berço, descansada e cantada, espero ouvi-la ao despedir-me do mundo, nas orações da agonia. Só em minha terra, de minha terra, para minha terra, tenho vivido; e, incapaz de servi-la quanto devo, prezoo-me de amá-la quanto posso.

Amo-a com a ingenuidade e a cegueira inseparáveis do verdadeiro amor. Em sua paisagem tranquila. Em sua gente nenhuns sobrancelhos do que retraiam. Pelas qualidades que lhe constroem a grandeza. Pela dignidade com que suporta a desgraça. Preocupada com as coisas essenciais. Idealista e prática, merecendo a fusão harmoniosa das almas de Marte e de Maria. Avida dos bens materiais, porque tem horror à dependência; mas igualmente ambiciosa das riquezas imprevisíveis; e por isso mesmo tão afana de suas fábricas e lavoras, como de suas escolas e de seus poetas. Faminta de progresso e respeito à tradição: a algumas braças dos caixais de São José do Rio Pardo, o rancho de Euclides; junto às chaminés de Campinas, a mansão das andorinhas; ou pôr dos arranha-céus de São Paulo, a árvore das lágrimas. A tal ponto generoso e "benéfico aos forasteiros" que se um deles chega cheio de sambas e de prevenções, logo se enquere de combate-l-o e põe a cortear-lá escandalosamente. Tenaz como a verdade. Paciente como a justiça. E, como a claridade, leal.

O nome varonil que no batismo recebeu dos jesuítas anuncia-lhe a predestinação radiosa. Nas primeiras palavras de São Luís, depois de siderado pela graça, preluz o temperamento dinâmico daquele que, sem perda de um minuto vai conquistar o mundo para o cristianismo: "Senhor que devo fazer?" A vocação histórica de paulista é, como a de seu patrono, a ação. Talvez se envaideça de mais do que tem feito. Mas a modestia é virtude eminentemente individual e quasi privativa dos oradores...

O apóstolo das gentes não renunciava jamais as prerrogativas de ridículo romano. Ainda neste particular se lhe assemelha o povo que, sob a sua invocação, nasceu e cresceu no astipiano, a bura do Anhembi. Colonos e mamelucos afirmam-se desde logo "adversários a todo ato servil", no conceito de Antônio de Sande. Ciosos dos foros de homens livres não sabem viver senão dentro do orden jurídico; e de quanto querem à liberdade estão sempre dispostos a dar o que Domésticos chamavam o testemunho do carne. Ao donatário da Capitania fala de cabeça erguida, nessa linguagem cheia de altivez e de franqueza, o Senado da Câmara paulistana: "Os capitães e ouvidores que Vossa Mercê manda, como os que cada quinze dias nos metem os governadores gerais, em outra coisa não entendem, nem estudam, senão como nos bairros esfoliar, destruir e afrontar... e não há quem sofra tantinhos desafôr". Isso em 1613... E, por saboria indomita e ingovernável senão por si mesma, alguém sugere no século XVIII, bem se vê a conveniência de ser comprada e arrazada a povoação de São Paulo.

Cada um de vos poderá sem esforço reconhecer a própria gente no retrato, enfeiteado certamente pela piedade filial, que da minha acabo de esboçar. Plasmadas com diferenças maiores ou menores sensíveis de dosagem nas mesmas subtilidades étnicas, vinculadas pela comunhão das aspirações e dos sofrimentos. As nossas populações têm aquela parceria íntima na diversidade aparente que é o cimento melhor da unidade política.

Para manter-lhes a coesão, basta um pouco de cordialidade e inteligência. Cabe à Academia, que é a expressão luminosa do pensamento e da sensibilidade nacionais, o dever, de que jamais deserto, de apertar os elos de solidariedade, por uma compreensão e um conhecimento mais perfeitos entre os brasileiros de todos os Estados.

Tal o ensinamento oportuno da solenidade, em que recebeis, pela voz amiga de um baiano de Lençóis, para ocupar a cadeira significada por um pernambucano de Recife, um paulista de Pernambuco, cidade que tinha do tempo de meu nascimento o nome augusteo de Constituição.

Assim entendido o vosso gesto é daqueles que, na hora atual, sobressaltada pela conjuração de appetites impuros, ódios absurdos e ideologias dementes, nos impõem a coragem de não descermos nos dão o direito de não desesperar.

(Discursos Acadêmicos, v. 8)

## Dedicatória de "Vida e Morte do Bandeirante"

ALCANTARA MACHADO

Para minha mulher  
meus filhos  
minha nora  
meus netos  
  
paulistas como eu  
e os meus antepassados  
desde Antônio de Oliveira  
chegado a São Vicente em 1532.

## UMA RECEPÇÃO ACADEMICA

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

— Na gala da Academia...  
— E a Academia tem gala? —  
perguntou um leitor, experimentando um grande suspense, porque de certo lhe parecia que uma corporação destinada ao cultivo de bom falar e bons escritos, não podia ter gala.

— Tom, sim, senhor. Toda a sociedade, toda associação, todo organismo humano, que se dedica a um gênero qualquer de atividade especializada, acaba por ter modos particulares de exprimir-se. Isso acontece na Academia, nos Congressos, em todo parte.

— Bom; continue.  
— Na gala da Academia, Silva Ramos era "um defunto difícil de carregar".

O que com isso se quer dizer não é que o morto seja destituído de mérito: é que teve uma vida sem peripécias accidentais, uma vida como a dos povos sem história. De fato, alguém disse que os povos felizes não têm história.

Silva Ramos era um modesto. O seu ideal era a vida calma, elevada, austerosa e apagada.

Certo dia, em que, por acaso, ao sair da Academia, lhevamos um cartão aberto, ele me fez uma confidência estranha.

A tarde estava magnífica. Por outro lado, nós sempre nos antenavamos pessoalmente muito bem, oferecendo-nos lisonjearia. Parece que a suavidade do momento convidava as confidências.

E verdade que, mesmo em uma tarde assim, alguém que tivesse a festa de Machado de Assis nunca as faria, porque Machado nem os fazia, nem os apreciava. Ele detestava o que chamava "dramatis". Mas Silva Ramos, essencialmente austerosa e simples, era de uma psicologia inteiramente diversa.

Quando o carro ia rodando pela avenida São - Mar, entre um céu e um mar, que dispunham um ou outro qual seria mais suave, Silva Ramos me contou que se havia felic e que a Morte já não lhe fazia medo.

— Por quê?  
— Porque julga ter cumprido meu dever.

Que dever era esse eu lhe perguntei e ele me explicou. Fazia-lhe que todo homem, tendo recebido o dom de vida, devia transmiti-lo a uma geração adiante da de seus filhos. Achava que ninguém deve contentar-se em ter um filho, mas ter também, pelo menos, um.

E uma velha comparação a dos que assimilam os homens aos gatos. Grécia Antiga levava sózinha uma lata e a deviam passar, também, ocadas e outras.

Mas Silva Ramos ia um pouco mais longe: ele achava que o que tinha passado e lata e um príncipe, devia estar certo de que esse é o reinado e recaire. Silva Ramos foi, aliás, durante algum tem-



Alcantara Machado, quando liaia um discurso no Senado da República.

## OS INVENTÁRIOS DOS BANDEIRANTES

Alcantara Machado

Assim completos e inimutáveis, os inventários constituem depoimentos incomparáveis do teor da vida e da féição das almas na sociedade colonial.

A luz que se irradiava dessas laudas amarelecidas pelos anos e rendidas pelas traças vermelhas surgiem vagarosamente do fundo indeciso do passado e fixaram-se nas encostas vermelhas da cultura fundamental, as casas primitivas de taipa de mão e de pilão. Recompõe-se por encanto o mobiliário que as garniu. Sobre as mesas se dispõem as balxelas de prata sumptuosa ou de estanho pibeú. Mão invisível abre as arcas e arranja as alfaias domésticas e o fato de vestir. As paredes se enfeitam de espelhos, armas ou painéis. Logo, porém, as cores empalidecem, as linhas se dissolvem, a miragem se desmancha; e no horizonte alargado outro cenário emerge: pouco a pouco e ganha forma e colorido. É o sítio da roupa, que aparece, com o casarão solarinho, posto a meia encosta, protegido do vento sul; as panelas de agregados e escravos; os algodões pintalgados de branco; o verde anêmico dos canaviais, em contraste com o verde robusto e lustroso da matinha convizinha; e arranhando o silêncio a cantiga monótona de um moinho "moento e ecente".

Pelas vielas do povoado, ou através das lavouras, deslissam sombras. Rebanchas trágicas de negros da terra ou da Guiné. Mamelucos madrigras e aterrados. Potentados de grande seguito, cheios de rudeza e gravidade, que passam e de repente desaparecem, tragados pelo ar. Desses zanta-mas milícias ou altaneiros não distinguimos a fisionomia tão largo e o espaço que nos separa. Mas, apesar das distinções ou que dizem e sabem,

Viver alguns instantes com os mortos de que vivemos entre as coisas que os cercavam, é a voluptá a que nos convoca essas folhas rebatraváveis, desmanchadas em poeira ou moqueadas de bolo.

(Vida e Morte do Bandeirante.)



Alcantara Machado em seu gabinete de trabalho.



# Alcantara Machado e o Brasil - Alvaro Peixoto

*(Continuação da pág. anterior)*  
 Bandeirantes, que devoraram o Brasil, e o fizeram, na sua compreensão regional, como uma sua larga posse contínua! Existe, entretanto, como um leviatano que minulta a vida, inesgotavelmente. Daí-se conta de tudo, até de pobres pobres, e um testamento testamentaria de 16 como o último credito. Muito espôs vieram os testamentos vindosos que exibiam os legados a invejar e admirar. Mais tarde, agora, não há mais testamentos, há o medo de fra-

to indiano serrão a dentro, "cabo do mundo", para a conquista. Este é que fizeram o Brasil. Os do litoral vivemem dentro (Brasil), do outro Brasil, trazendo-o por pouco mais de nada, que nos trazem os Europeus. Disse essa, e é nós, aquele P. Vitor: "Vem um mestre de náu-  
via de Portugal com quatro  
varreduras das lojas, com qua-  
tro panos e quatro sádias, que  
já se lhe passou a era, não tem  
posto; e que faz? Isca com  
aqueles trapos aos moradores  
da nova terra: dá-lhes uns

e até dezesseis anos, sem que na  
vila se saibam partes das que  
um dia se foram...". Se depois  
de tanto tempo, é que lhe chega  
a notícia de ser o expedicionário falecido no decurso de  
seis anos, conforme o afirmam  
e juram numero de testemunhas  
de experiência, que bem sabem  
o risco e perigo do serrão.

A morte é o menos. As calamidades, piões,土壤, tor-  
rentes, trânsitos, indios, feras,  
sofrerímos sem conta... Com  
a ambição dos "negros" a descer  
as das minas a achcar, val-  
or falando o solo da pátria, le-  
vou-nos a plantar, remansar-  
cidades, e a val o Brasil se esten-  
do até as lindas recua-  
das da América espanhola. Quando eles acordaram, esses  
espanhóis e Bandeirante estavam  
na escarpa dos Andes... O  
Brasil estava feito!

E esse Brasil, nascido —  
com a piedade de descendente  
de um Antônio d'Oliveira, che-  
gado em 1532 para fazê-lo, —  
quase em 1532, que um José de  
Alcantara Machado d'Oliveira  
engrandecido o nome pelas la-  
chanas e pelos méritos inter-  
postos, "paulista de quatrocen-  
tos anos", nos vem contar, num  
livro que há de contar, na nos-  
sa literatura histórica, livro de  
ciência, porque informa, e livro  
de arte, porque conmove e exalta:

*(Discursos Acadêmicos, n. 8)*

## O REGRESSO DOS MAGOS

Alcantara Machado

As últimas estrelas se apa-  
pavam; devagarinho no céu azul,  
daquele azul violento das noites  
do Oriente. Aproximava-se de  
Belém, com o regalo transforma-  
dor de rocas palidas e os de-  
dos gotejantes de orvalho, a  
madrepérola. Já se distinguiam  
as planuras, por onde Ruth an-  
dou a respirar nas searas de  
Bous; e adiante as montanhas  
escalvadas do deserto, em que  
ruem o Batata; e, enfim, no  
horizonte vaporoso, o perto tumultuoso dos rechedos de Meab,  
sobrancceiros às aguas iluminadas  
e prenúnciosas do Mar Morto.

Amanhaciu, quando os Magos  
se puseram a caminho tam  
e entre a arta contra o trabalho,  
e o superlito contra e ne-  
cessário. Jacó, vaidoso e desper-  
dicado, embaixou Esaú modesto e  
laborioso. A indústria de Bito-  
rial contra a lavoura de mitão.  
Uma tradicional, a outra ad-  
ventosa. Uma vivendo a costa  
da outra. Um produz e outro  
consume, um paga impostos e  
mais impostos, de exportação,  
de importação, de consumo, e  
outro considera avenidas, jar-  
dins, teatro, de festas, ermite-  
papel-moeda, impede a expor-  
tação, prende o clãmico, im-  
põe-lhe o que que deve re-  
ceber, de sorte que vende-  
rê, além de explorá-lo, ainda o  
afrenta com a sua farra. O  
Estu nascido sobre e assiste de  
longe, porque se votou a esse  
paísade que é o seu martírio e  
a sua glória: fazer o Brasil, a  
despeito de nós, brasileiros...

### BRASIL NASCENTE

Esse Brasil, o serrão, come-  
çou a fazer o verso Bandeirante. Piratininga, o verso, e  
nossa São Paulo, foi a sementina, e posto avançado que a  
civilização pôs a orelha do de-  
serto, já no serrão, para devassa-  
-lo. "O paulista se interna  
em parte e descer do serrão  
mais profundos. Embrenha-  
se até o ruivo da Caatinga e nas  
partes do Pern. Não se pode  
prever quando virá de torna-  
volta. Passam-se às vezes seis,

três viajantes se dete-  
ram afinal à beira de uma cisterna, próximo à encruzilhada  
em que deviam separar-se.

Os mal velho, ancião de lon-

gas barbas e longos cabelos al-

vinhentes, rosto envelhecido e

mais trémulas, rompeu o sil-  
êncio:

— Compreendestes a lingua-  
gem de seus olhos claros, quan-  
do, prostrado na palha imunda  
da presépio, eu lhe reconhe-  
ci a divindade, ofertando-lhe o  
incenso mais perfumado mais  
puro, que é a finca homenage-  
ada digna de um deus? Disse-  
me o sen olhar: "Eu trago, como  
um presente dos céus, a Ver-  
dade. O erro, a dúvida a men-  
tira não de sumir-se da face da

*(Continua na pág. 106)*

## O GRUPO BANDEIRANTE - ALCANTARA MACHADO

Numeroso ou pequeno o grupo tem sempre, nas batalhas, mestres organizadores militares. Fornecem-lhe chefes, que é o comando de arraial, um ou mais lugares-tenentes e o gabinete do topo. Compete em sua maioria de índios e muiros. Se bandeirante, é mais temido seus soldados, toma-os de aluguel.

As expedições de maior vulto reclamam outras dignidades, o asteroes-mor, o rondão-mor, o repartidor, a qui-mi compete a parti-  
lha dos índios apresados, o escrivão do arraial, o capelão.

Esta visto que uma viagem em seu objetivo se resume na des-  
cimento de selvagens, não requer o mesmo aparelhamento que  
uma bandeira de colonização. Esta é ronco que uma província  
em marcha, e uma parte da colônia que se desengrena, levando  
consigo todos os elementos de vida, é o latifundio que se multi-  
plia por escissão. Assim quando partiu a fundar suas cam-  
panhas cognominadas Lagos dos Patos a que hoje se chama Vila  
Laguna, o capitão Domingos de Brito Peixoto, um dos homens  
mais apotentados daquele tempo, dizia: "Todos os pelados de  
guerra: polvos, facas, armas de fogo, algumas peças de canhão-  
maia, bocinas de peleja, sustento, armamento, vestuário e tudo o  
mais necessário para o grande corpo formado de homens brancos,  
mulatos e negros escravos, oficiais de carpintaria e ferraria,  
homens com capelão com todo o mais trem preste para semelhante  
conquista".

Seja pessoa da governança da terra ou serianista experiente  
e ilustre que embrasse uma bandeira de amplas proporções,  
composta de gente de qualidade, seja indio doméstico que em  
troco de uma espingarda vai à frente de sua tribo de novos  
com armadura alheia para trazer ao patrão a gente que com isso  
adquiriu, o rubro da tropa enfeixa em suas molas pela imposta-  
ção das circunstâncias: todos os poderes. E a encarnação da autori-  
dade. É um ditador.

Assim não se limita a encarnar a bandeira ao seu objetivo  
trazendo-lhe o roteiro, assegurando a disciplina, dirimindo  
as operações militares. Investe-se de funções judiciais no civil e  
no criminal. Chega mesmo a arrogar-se o direito de vida e de morte  
aos seus companheiros. Di-lo Antônio Knivet, em suas memórias:  
Martins de Sá, Ribeiro o Capistrano de Abreu.

Da maneira por que esses juizes improvisados elaboram  
justiça são testemunho lisonjeiro os inventários do serrão.

Muito de sua doçura ou de preceita recebida em combate,  
um bandeirante, o capitão determina ex-officio ou a requerimen-  
to de algum parente, o arrebatamento de toda e qualquer fazenda  
e armas, fato e ferramenta, e polvora e chumbo, e peças  
que ficou por morte e falecimento do de cujus, que Deus tem  
para que em todo tempo conste no povoado os homens que tinha  
para deles haverem parte os seus herdeiros. Os autos são baixa-  
dos pelo escrivão do arraial ou por um escrivão ad hoc se nú-  
mero houver elegido ou deputado para isso.

Nenhuma das complicações do processo comum. Tudo se fa-  
zendo sumariamente. Nem a situação composta, nem o  
fetiche daqueles homens tolera o polvoroso inutil do formalismo  
ou fórmula. imperatriz brevitas. Ademais é excesso o material  
de escrita. Por causa da limitação de papel vai mencionado apena-  
mas o essencial. Para os autos da ofício, o escrivão do arraial  
aproveita e que lhe offerem o auto, aqui uns retelhos de papel  
por lá a não haver; ali, o verso de umas folhas manuscritas.

E no rancho, na tranqueira ou no fajupar onde está apre-  
sentado, que prentre muitos homens de seu arraial o capitão  
recebe, de um parente ou camarada do bandeirante morto neste  
sertão de sua doçura, o compromisso de fazer esse inventário  
de alguma propriedade, o arrebatamento de toda e qualquer fazenda  
e armas, fato e ferramenta, e polvora e chumbo, e peças  
que ficou por morte e falecimento do de cujus, que Deus tem  
para que em todo tempo conste no povoado os homens que tinha  
para deles haverem parte os seus herdeiros. Os autos são baixa-  
dos pelo escrivão do arraial ou por um escrivão ad hoc se nú-  
mero houver elegido ou deputado para isso.

Isso auto inicial traz a indicação do dia em que é lavrado e  
muitas vezes a indicação do lugar mais ou menos preciso em que está  
e o capitão com o seu arraial. Nos 11 de Janeiro de 1620, nesse

neste sertão de Ibiapaba, nas cabeceiras da Ribeira, eis como tem-  
cio o inventário que o capitão Matheus Luiz Seabra manda  
fazer da fazenda do defunto Luiz Lopes, que Deus baje. Ao 31 de  
Julho (1603) neste sertão e limites que povoa os gentios te-  
mominios, perante o capitão-mor diste arraial Jerônimo

Pedroso consigna o de Bastião Gonçalves. Ao vinte de Dezembro  
(1630), neste sertão e lugar onde chamam Jesus Maria de Piat-  
raçalha, sertão dos Arachans, o capitão-mor Antônio Raposo  
Tavares, declaro o de Paschoal Neto. Ao 14 de Dezembro (1612), nesse  
sertão dos carijós no rancho da capitão-mor Lázaro da  
Costa, certifica o de Pedro Sardinha. Ao 13 de Fevereiro de 1604  
em este sertão de Paranaíba, donde estava o arraial do sr. capi-  
tão João Pereira de Souza, 16-04 de João do Prado. Ao 15 de

dezembro (1605) neste sertão dos Guayás, o capitão-mor Fre-  
derico Lopes Bonavides, testemunha o de Francisco Ribeiro de  
Moura. Neste sertão e rio de Paracatu, aos 2 de outubro (1616), no  
ranche de Domingos Dias, onde o dito capitão Nicolau Barreto  
estava, depondo o de Manuel de Chaves. Ao 23 de setembro de 1604  
apresenta Francisco Rodrigues a fazenda de seu irmão no ca-  
pitão João Lopes de Lima, unicus o de Antônio Vieira.

Depois de avaliados cristamente os bens, mandou o capitão  
pô-los em almedina e público leilão, por correr perigo e estarem em  
terra de inimigos, onde facilmente os poderiam levar, e terem com  
isso os órfãos perda à falta de quem olhe por elas.

Faz-se a venda em presença dos quarenta homens que na  
companhia assistem em um lugar público, onde o capitão manda  
ajuntar todos os soldados, lugar que é a praça ou, mais propriamente,  
o terreiro do arraial.

Lancam os leilantes o que lhes parece bem. Dos aprovados  
são muitos os que se comprometem a pagar o preço a dar em  
mais meses ou anos primeiros, de sua chegada a povoado ou  
paz e a salvo para os herdeiros. Nesse caso oferecem fiança, que  
também assina o auto surpreassimo de arrematado.

O produto das peças e os bens que não acham leilante, ou  
cebe-se o curador que para tal mistério foi elegido. Assim também  
os negros vindos em companhia do defunto e os novos que che-  
gam com ele.

*(Continua na pág. 106)*



Retrato de Alcantara Machado, por Alcantara Machado.

en hâ a vâ glória de dur a im-  
presa, do que se pôs a fer-  
feito não deixando o que se fez.  
Os nossos Bandeirantes confes-  
savam-se ao mundo, mas para  
Deus.

Esse livro é trecho de his-  
tória do Brasil e melhor da nos-  
sa história colonial, a que não  
se aprende nos tratados for-  
mados, escuramente do que so-  
breviveu por leve ou visível,  
mas que não diga da vida que  
tive e tumultuosa obscura igno-  
rância, aos que não sabem sentir e  
observar. No vosso livro é que  
se sente, nascer e vagar o Bra-  
sil infantil. O Brasil que ia ser  
e será o Brasil, porque nascem e crescem forte e sôfio. Tanto, que não conseguimos acabar com ele, nés, desses Bra-  
sil, levando e tento, o Brasil sup-  
erficial.

Porque o verdadeiro Brasil é  
o sertão. Não, do litoral somos  
a ponta extrema do Europa,  
neste continente.

A paixão do negro, para o  
trabalho e escravidão afeita-  
va, diz o Padre Antônio Vieira  
dizendo: "O Brasil tem o corpo  
na América e a alma na África".

Avora, só tem regras, a Eu-  
ropa, os litorais nos mobili-  
zando.

Vivemos aqui a vida estrangela-  
da que nos importam mudas e  
imitações. Temos a face volta-  
da para o mar, para o Velho  
Mundo, que ainda não deixou

de Bandeirante fez o Brasil, e  
fizeram, na sua compreensão  
regional, como um leviatano  
que minulta a vida, inesgotavel-  
mente. Daí-se conta de tudo, até  
de pobres pobres, e um testamento  
testemunha de 16 como o último  
credito. Muito espôs vieram os  
testamentos vindosos que exibiam  
os legados a invejar e admirar.

Mais tarde, agora, não há mais  
testamentos, há o medo de fra-

# Alcantara Machado, Historiador e Professor - (Trecho de Levy conferência) - Carucero

que é a comendada volta e o desenrolado da vida intelectual de Montesquieu, que era um dos autores preferidos de Alcantara Machado.

Ele falaria no caráter de Alcantara Machado, alguma coisa já que Alberto Sorel apontou os Montesquieu; a mesma integridade, audaciosa, a mesma voz de espírito na conversa, a mesma extensão e o mesmo tipo de humor; a mesma impaciência de julgamento, a mesma firmeza aparente e a mesma certeza; o mesmo apreço da literatura, que é maior das suas.

E, também, o "genialismo" que é resultado de seu gosto "natural de autocrítica", quando ele fala, sempre, de suas falhas, de seus erros, de seus desejos. Ele poderia falar mais sobre a sua vida, mas não podia falar mais sobre a sua morte. Desse ponto de vista, ele poderia falar mais.

Não se passa um bocado desse tempo de cavalgar a falsas apreensões, que nomes plus beaux que nomes moins bons? e Fávano etc?

Então, ele poderia falar mais sobre a amizade de Fávano.

Esse Alcantara Machado, que é Montesquieu em Monções, algo de aristocrata; amou, porém, principalmente, fundamentalmente, nas suas desordens — e, muitas vezes, a esquisiteza. Mas, quanto ao que Montesquieu era, em absoluto, um homem não tão pouco um convidado; preferia considerá-lo um estranho esclarecido, um amigo do que havia sido.

Observador, traidor e observado, amoroso do passado — esse Alcantara Machado morava e morre de novo, conservando o encantamento dos antecessores, mostrando o que merecia permanecer, atendo ao amor do passado à imprecisão do futuro.

Incluindo o regionalismo e o conservadorismo em se nutrirem sempre a tradição, ao permanecerem sempre no fundo — não no exterior.

Alcantara Machado, ao dizer-se perdido de quatro segundos, quis a como seu o tempo de eternidade dos antecessores, remontando sua própria vida àquele dia da morte de Oliveira, "chegado a São Vicente em 1532", e, da mesma maneira, prolongando-a e reencontrando na sua descendente.

Protegido pela sua terra, aterrado na evocação do pai, de seu filho morto, mergulhou cada vez fundo na recordação do quanto mais sente terminado em seus dias.

No entanto, tão brutalmente subvertido, com que acompanhava o auge de Antônio de Alencar Machado, não havia

de amar paternal e o seu nascimento envolto pela tristeza e pelo calvário. Havia, mas, tristeza a amargura intima de reverso, rejeitado, renegado, desamparado, combando dos filhos, sacando os maus, delirando, amegnado, nem a liberdade da paixão e de alegria que não pudera ter na mocidade e não podia ter, tão pouco, na idade madura.

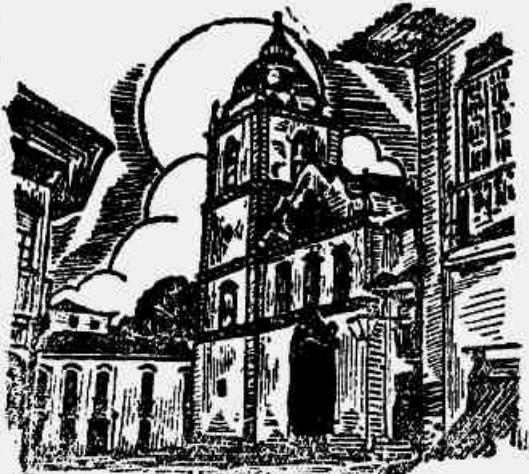
Leader, senador, muitas coisas graves que envolviam a responsabilidade de muita gente. Havia satisfação de sentir-se protegido ainda dos seus dias exequentes.

No outro treinamento e respeito de Antônio, vibraram unidas das suas pensamentos — talvez por ele revelado, nem dotado, nem sujeito a inspirações, mas suscetível como a transmissão hereditária, alguma vez escandalizando, provocando a seu reparo, ou a sua desdenha — aliançando, transformando a reação mitica, espontânea, impulsionável e inexplicável, que ele adotou de.

Suspenso no cubo do seu filho perdidio, vivendo entre a veneração de um e a saudade do outro, tendo em seu temperamento muita coisa de ambos, leia disso, porém, Alcantara Machado, num característico que nos outros fora comum. O sr. Cândido Mota Junior trouxe esse traço — o jornalista, notando que o pai e o filho de Alcantara Machado seguiram o rumo natural de todas as tradições envolvidas de tristeza esparsa. Antônio chegou a escrever: "o jornal é a vida: e a vida é a morte da vida". Sim, é a vida, le cada dia. Da dia de hoje.

Em Alcantara Machado, porém, as preocupações de cada dia, que na aduanação subsumiam, não dominaram a grande vocação intelectual decorrente do seu espírito tradicionalista — e, seja de historiador Amador recordeiro do passado — eram, nela, as pequenas coisas, as episódios normais, a vida comum, cultuada, normal, que mais o seduziam e melhor sabia reviver. Recordai a belissima página descritiva da vida em Coimbra, o tempo de Silva Ramos, num dos discursos da Academia Brasileira. Minutarista da forma, não o atraía grandes episódios tumultuosos; pelo seu regionalismo, o que abre para recordar, é a vida diária da sua gente e do seu povo. Publicada a biografia do pai, comprende a do avô e, ainda — sentiu bem a imensa temura revolta na escolha desse tema — a biografia do Rio Tietê.

Se queria ser historiador, sómente o sabia ser, da que amava. E' uma crise bem sua, herdeira da sua origem e do seu temperamento. Tudo isso ali se revê.



Um desenho de "Vida e Morte do Bandeirante" (S. Paulo), por Ivo de Almeida Prado.

é torna densa aquele livro de tão poucas páginas, à maneira de Angelo Gatti.

E' ainda, em certo sentido, trabalho de advogado: só o advogado saberia examinar, como ele examinou, os inventários processados num dos cartórios da cidade, na segunda metade do século XVI e no século XVII, através da publicação feita pelo Arquivo Estadual.

Encobre o labor do técnico, desenvolvendo o panorama da vida social neste trecho do Brasil colonial o seu gosto, o prímo da expressão, o encadramento dos quadros. Esse éra de arte de enamorado da sua terra, tende, porém, precipuamente a restabelecer uma verdade que se estava obliterando, devaneando a lenda das riquezas deslumbrantes do luxo assemelhado da sociedade colonial, que atribui a "viciosa paulista" de o dols artigos principais, o luxo e o donaire de um salão de Versalhes enxastado na bruxa da florista virgem". Para ele, teria havido, em Pernambuco, aquele fausto, não porém, em São Paulo.

Com implacável espírito de justiça, copiando de professores de Direito, do advogado, do jurista referindo-se, certa vez, a época dos bandeirantes, destacando, dentre eles, para os condenar, "os bandidos e réguis" e os "timponheiros"; e na biografia de seu pai, e com licença surpreendente, talvez até alguma vez demasiada num filho tão apaixonado que aprecia os versos e os discursos de Brásio Machado.

Alcantara Machado não recusa de nós simão de meias espírito de justiça. Ele haveria de inspirar-nos a exaltação do homem e da sua obra, que ora fazemos. Prefere dizer — que ora insinuamos. Alcantara Machado soube ser objetivo e idealista; re-

tar a tradição e inovar; criar a beleza; servir à verdade, à inteligência, à cultura, à justiça, à liberdade; devotar-se ao público amando a sua gente, a sua província e a sua pátria. Quantos, de ora em diante, aqui passarem pelo seu busto — deverão envolver-lo num olhar de gratidão. E se evocarem essa nobre figura de paulista e de brasileiro, bão de sentir, realmente, a confiança em nossos destinos supremos.

("Jornal do Comércio" — Maio de 1942.)



Alcantara Machado, em uma oratória oratoria, num discurso na Câmara dos Deputados.

## O GRUPO BANDEIRANTE — (Continuação) da página 104

foram dados em partilha, para olha-los e dando Deus remediar para povoado. E também algumas vezes os autos do processo para dêste dar contas às justiças da Vila de São Paulo, todas as vezes que lhe foi pedido, ou a pessoas que lhe pertencessem ou tomaram dele conhecimento.

Responsabilidade formidável aquele ambiente carregado de incertezas. Por isso mesmo, o curador protesta que tudo corre por conta e risco da viúva que foi do defunto, e herdeiros sens... para que em nenhum tempo, sucedendo alguma cousa... lhe pecam conta. O capitão limita-se a ordenar que se tome o protesto, dizendo desabrida mão, remetendo tudo à justiça de Sua Majestade.

Os sufrágios religiosos e as custas são pagas em fazenda. Tera o capelão uma arroba de cera pela missa. Tera e escriviu um machado, umas amarras velhas, ou cousa de cinco arrasteis de cera.

Dos capitães só um reclama a paga de seu trabalho: Antônio Raposo Tavares. Da pobreza que lhe por morte de Pascoal Neto, o heróico devastador das missões retira um par de meias.

Dante desse gesto macilento, os que são vítimas, como nós, da infecção literária, se lembram irresistivelmente daquele povoado de Jequitinhonha, que precipitou no fogo eterno o pobre São Frei Gil. Ego da Queiroz.

("Vida e Morte do Bandeirante.")

# FATO DE VESTIR, JÓIAS E

Dizia alguém, com mais espanto do que ironia, ao contemplar o mundo de gravatas e fularinhas, na bagagem de um homem da moda: 'vejam só de quantas coisas pode precisar a gente nessa vida! Coverta, não diametralmente oposta desportiva sem dúvida a inspeção das canastras encoroadas, dos baus de boi ou maceuvos, cobertos de couro ou pérola, das caixas de altos pesos feitas de vinhatique, vidro ou cerâmica, com duas argolas nas cabecinhas, lacanhas, puçadeiras e chaves, em que contumavam guardar a limpeza de corpo, mesa e cama ou prulinhos de banho.

O próprio lisboeta não tem preocupações de elegância. A pragmática lhe proíbe vestidos de seda. Andam os homens de saia e capa de basta, calções de paio escassos, chapéu de feltro, borzoguins de marroquim; e as mulheres se envolvem em um grande manto, que lhes esconde o corpo, encobrindo o rosto. Teófilo Braga situa no reinado de Filipe II. de Espanha, a introdução de meias de seda, gabinhos de raso, que é um tecido de lã rosada, sem felpa, e calções e bragas de veludo na indumentária portuguesa.

Imagine-se, pelo que se vê no reino, o que val par aqui, neste sertão e cabo do mundo, no desamparo e miseria da colônia. Vestem-se todos pobemente, por figurinos desuetos ou, como dizem certas avitações, pelo uso antigo". Os inventários de data mais distante abonam plenamente os depoimentos de frei Vicente do Salvador e Padre Fernão Cardim (1599): homens e mulheres se cobrem de pano de algodão tinto, e, se há alguma capa de basta ou manto de sarga, se empregam nos novos e novas para irem à porta da igreja.

Pano de algodão, é, com efeito, durante largos anos só a moda, com o vestido da terra. Comprovam-o os termos judiciais em que os curadores se obrigam a reparar, sustentar, alimentar os orfados, seus curalhados, conforme as estatuto da terra, que é pano de algodão.

**Que dizem do vestuário masculino os inventários?**

Dizem primeiramente que não peça praia abundância à roupa branca. Um par de cerasitas e um par de camisetas, quando muito, por cabeça. Isso mesmo de algodão grosseiro. Contam-se preços deles os que tem mais e melhor. O jinjó, a holanda, e raso e bretanha só aparecem de quando em quando.

Apêndice indispensável da camisa são as volutas de renda e especialmente os manteus de algodão, ruão ou holanda, acompanhados de punhos da mesma laia. Os manteus se transformam depois nos cabeçotes de lirio e bretanha e, afinal, nos colarinhos contemporâneos. Encontram-se de toda a casta para todos os gostos: chãos, despídos de arrebuscos, e lavrados e guarnecidos, despretenciosos, caíndo em abas sobre o preto e complices, multiplicando-se em abanos ou canudos e folhos ou fulgumes; de festo: de canequim, com suas rendas, às cabidas especiais para guarda-chuva.

Nos documentos dos primeiros tempos as meias figuram ainda com o seu nome primitivo de metas-calcas. Unas, com suas fitas de agulha. Outras, de agulha verdes. Usam-se muito as chamadas de cabrestilho, que chegam apenas ao tornozinho, deixando o pé despidido. Exigem por isso mesmo, com complemento, o escrupuloso escarpim, calcado de lencaria ou ponto de malha, que cobre o pélio do pé e forma a planta, com duas espessuras sobre o calcaneirão.

As meias de agulha de fio de algodão, se vão juntando até de seda, a medida que aumenta a fortuna privada e se desenvolve o comércio. Importam-as geralmente da Inglaterra. Mais tarde, da Itália. O uso não as deprecia. Ainda assim já trazidas, alcarciam em praça, com facilidade, auem de por elas dols e dols mil quinhentos réis. Umas de canhão, pardas, são vendidas por quatro mil réis em hasta pública. Estão na terra as acabeladas, cor de canela, as enxofraditas, cor de fuxico, as cor de llimão. Exigem ligas condignas, rendadas, de tafeta, que tem as vezes coxido e meio ou um metro de latucho.

As peças essenciais do vestido masculino nos tempos em apreço se reduzem a roupeira, ferragolho e calcado. Aberta nas ilhargas toma a roupeira o nome de saltimbucaria. Ferragolou se chama, quando provida de cabeça ou zola e capelo, ou capuz, e pode ser aberto nas ombreiras. Trajinam os tecidos mais ou menos grosselhos de algodão e de lã, com o picote da terra, o fustão, o picoticho, o brim, o buzel, a bombazine, a estamenha de Castela, a seguiña, o criss ou grise, o paratudo, o portalegre, a saragoga, a mescla, a palminha e rato, a raxa, o raiete, a raxeta florentina, a raxeta de Castela, o bertanjo ou bertangil, o merlin. De vez em quando se nos desparam uns calcados pretos e prosaicos, de tripa, ou, pitorescos, uns calcados pintados de cor. Outros são de londres azul, esguichinhos, abrolhados e forrados. Outros ainda, plenos, de pelo de camelo, entreforrados de tafeta. Toda a beleza está no colorido. O pano pode ser azul, cor do céu, cor de pinhão, cor de lirio, cor de flor de pelegueiro, ou apercegido, cor de rato, verde-mar.

Vae uma ninharia o feito. Obrigados à observância dos regulamentos municipais, os alfaiates fazem preços de modicidade quase fabulosa. Paulo da Costa, por exemplo, que é o Poole da época, não exige mais de metá patata pelo trabalho de fazer cada uma das peças do vestuário usual. Cem réis custa uma capa-puxa: riscantes, uma roupeira de buzel, abotoada, seiscentos, um gibão de pano de

algodão, pespontado. Apesar disso é de passar que o curador dos quatro filhos de Pedro Álvares Juque bastarem dez tostões, para dar-lhes de comer e vestir durante dois anos! Mais tarde, para tratar os entredous como brancos, já um padrinho reclama dez mil réis. Por volta de 1650, para poder aparecer na praça como filho de fidalgio ou de quem é, um orfão recebe 12500 réis, que emprega em vestido, aviambrões e outras artigos. A entrada do século XVIII um orfão não se satisfaz com menos de duzentos, para vestuário e mais misterios.

Claro que gente de posição e dinheiro não é com gente somenys, que se considera vestida com roupeira e calcados de picote. Para suvir massa e aparecer em praça, tem, no mínimo, além do vestuário comum ou de corte, uma capa de baeta ou raxeta. Tem ainda, quando as posses lhe permitem, um traje de cerimônia. Este, sim, custa os olhos da cara, porque exige trajes de seda, como o tabi, o gorgorão, a trilheta listada de verde ou frisaada de preto, o tafetá, a turuela, o pan de prata, o crepe, o chameleote, a escariata, ou panos finos de linho, lá em algodão, como a perpetuana, a bebitinha, a barregana, o barbarisco, o camelo, o catasul, furtacor e outros, que a moda vai inventando e desprezando sucessivamente. Tudo enfeitado com pespontos, galões e passamanos militares.

Em oito mil réis se estima o vestido composto de calção de tabi encarnado e corpo de gibão da mesma seda e mangas de turuela nebras, que calçada nas duas saídas Francisco de Proença. Em deg, a rapa e a roupeira de gorgorão, que nas festas enverga Diogo de Moura. Em detalhe, o vestido de pano azul fino, roupeira, calcão e calça, de que se orgulha Rafael de Oliveira.

Nem sempre as mangas são costuradas a roupeira e gibão. Por isso mesmo se avalham a parte, com aquelas, tão formosas, de turuela, que tem Pedro de Oliveira, os altos pretos, os balcos verdes. De lhamas, entrecerda de flos dourados e prateados, são as que enfia Antônio Pedroso de Barros, quando se veste severamente de preto, gibão de veludo, calçado de damasco. Isto picada.

Completa as vezes o vestuário de gala uma capinha ou mirlote de pano raso, guarnecida, ou então uma alamoda de chameleote vermelho, arranhado, forrado de tafetá verde.

Depois de 1650 a moda masculina sofre uma transformação profunda. É o tempo das casacas de diquesa com gola de sela, dos cascões de basta verde, dos coletes, das cuecas. Os coletes são as vezes de chameleote; outras vezes de couro, com mangas de tafetá. Há quem prefira trazer por baixo da casaca uma vestia abotoada com botões de prata.

Francisco Cubas Preto enverga nas grandes solenidades a sua casaca forrada de tafetá encarnado, com abotoaduras de prata, cuecas de mesmo, calcão forrado de bertangil com guarnecões e flârias. Mas em elegância ninguém se compara a Matias de Oliveira. Daqui estamos a vir, todo pimpão, casaca forrada de tafetá, gibão de telinha, calcão com ligas de fitas, a atravessar o terreiro da Matriz, à sombra de seu vistoso chapéu de sol pintado de óleo.

Complemento dispensável do traje de rigor é a espada de vestir. O adereço compreende espada, adaga, cinto e labarote. Aquelas têm quase sempre o cabo e o punho de prata, abertos a buril. De cordovão pespontado é o cinto. O talim, franjado e rendado. Em 1710 fazem a sua aparição os bastões com encaixe de prata. De luras entreladas há apenas um par.

Esta visto que, ao lado da vestimenta civil ou profana, homem de pão não se encontra, que não tem para as procissões e festividades religiosas, a capa da Misericórdia, de tafeta vermella, ou o balandrua de outra irmandade.

Como calcado, botas de porco, de veado, de cordovão.

A cabeça levam os homens do povo uma gualteira ou rarrapuca, que é em regra de picote, mas pode ser de couro da anta. Os outros se cobrem com chapéus de verda, borda ou Segovia. Já se fazem na terra chapéus de feltro.

No tempo dos inventários não é chegada a São Paulo a usança de cabeleiras posticas. O único exemplar que se registra é o que figura no acervo de Antônio Rodrigues do Prado.

## E as modas femininas?

No espaço de cento e muitos anos, que vai dos primeiros aos últimos inventários divulgados, não parece ter-se modificado grandemente o figurino, por que se orientam na colônia vicentina as senhoras de qualidade.

Chama-se vestido de igreja, o vestido de rala. onde com ralo, senão nas festividades religiosas, podiam as súboras gaqueir tempo dar o espetáculo de sua beleza e galanteria?

Compreende a vasquinha, zina de roda exuberante, franzida na cintura; e, ajustado ao busto, o euripinho; e, por cima destas, o gibão ou jubão; e sobre o jubão o saio, casacão rabolongo de mangas perdidas, com abertura no nível dos cotovelos, dando passagem e liberdade aos braços; e, a enrolar tudo isso, como se tudo isso não bastasse, o manto. Com tanto menos se supõem vestidas as donas da atualidade. E tem razão. Entre outros motivos, porque, parecendo obedecer à intimação das modas peregrinas, se inspiram de fato no figurino guiazinhas das filhas de Gaiuba e Tibiriçá.

Em sacerdotes do século XVIII mudam-se algumas das peças da indumentária mulheril. Passam a chamar anágua à vasquinha, roupetinha ao gibão, e roupão ao saio. E é tudo.

Mais do que no frétilo as fluências da moda fazem sentir no capítulo das tecidos. A principal não há senhora de categoria que não tenha um saia de reino de londres, orientino, ou portuguese. De tafetá ou setim flamengo encarnado ou holanda ou holandinha se fazem os gibões e euripinhos. Os mantos, de sarja, recamadiño, batucado, sarieta do senhor Menos apreciada, naturalmente, são a palmilha, a raxa e a raxeta florinha. Alinda menos as fazendas de algodão: pluvio, pluviotillo, calhamaço, canequim.

Afinal, com a prosperidade, aparecem os primeiros de lá: camejão de pelo de cuba, setim, perpetuana, para tudo, milanesa. E os de seda, e como a catalaua. As sedas triunfam. De algumas lembram há pouco os nomes sonoros e luminosos, que parecem refletir os esplendores do Oriente: pinholha, melchado, tabi, tafetá da China, encantado ou aleijado, damasco, turula, marmalha, chameleote, danasquinho da Índia.

A formosura do vestido não depende somente da qualidade do tecido. Está na razão entre as passamanas e espaguinhos, dos dibrins de vermelho, dos botins de ouro e prata e coleteches de prata sobrepujados, que o enriquecem.

Um grande assombro alarga os olhos os tipos os tiris, quando d. Catarina de Siqueira entra na Igreja do Colégio, casa de Menor São Paulo, levando a sua vasquinha e o seu saio de veludo rosa e amarelo, este garnecido de seis passamanas e aquela de quinze. Pertencem-lhe os mais formosos guizes da época: um, de tela azul, enfeitado de carasútillo de ouro sobre pestana lavrada; outro de tabi amarelo, com passamanos pretos.

Igual sensação produz a chegada de d. Maria Biundo. Vale vinte mil réis o seu vestido. A vasquinha de setim negro, damascado, tem doce passamanos. Dois, o saio de melchado.

Aos depois é d. Catarina de Guex, mulher do capitão Valentim de Barros, que empunha o cetro da regência. Avulta-se em trinta e dois mil réis um vestido de seda pinholeia, amagueira forrada de tafetá preto, roupão e gibão. Mas um preto pinholeia sobrepuja o de veludo lavrado com seu manto de seda, no valor de quarenta mil réis, que vale leito o espolio de d. Isabel Ribeiro.

O manto de gala, também chamado de glorioso, arrastra de rendas e fitas, completa o vestuário de cerimônia.

Ha, no entanto, quem lhe prefira uma capinha de pano de prata, bandada de setim lavrado, ou a setim carmim, forrado de tafetá e arranhado de rendas pretas, ou, ainda, de penas de cores com topete de penas. O manto de fiesta fino, antigamente horneando das mantilhas brutas, aparece em 1710.

Nenhuma senhora elegante pode dispensar o calçado de Valencia, composto de chapins e botins ou sapatos vermelhos. Viterbo esclarece que todos andam, como sao, pela justaposição de quatro ou mais sozinhas de cortiça, formosamente cobertas e pespontadas, os chapins apresentam um covado, ou minimo, à extura. Os de d. Maria da Silva, os franjados de prata e forrados de veludo. Digan de nota e a roga em que se manteve durante longo tempo os sapatos moarados, moarados, amarrados, e, cor de amora. Esta clara que, no lado do espolio de luxo, para a igreja, há o calçado mais simples, para casa.

Outro acessório indispensável é a cinta vivera de cochorilha ou de tecido igualmente precioso.

Chapéus de mulher se encontram em número espantoso. Uns negros, com o seu véu de tafetá de rosa. Outros, passamanos e revestidos por dentro de melchado preto. Dentro todos o mais é um de veludo negro, forrado de setim carmim, e rendado de prata, que pertence a d. Agostinha Rodrigues, mulher de Paschoal Leite Paes.

Há também, em abundância, toucas de mulher encravadas, rôdes de linhas de algodão, toucas de volante, coufas de seda rica rica e de coton, quim modisto, umas de cores vivas, outras de veludo. Tem cinquenta e quatro alfinetes de prata o relvado de cabeças de mulher, deserto num dos inventários.

Do que se lhe se ressalta que os vestidos são poucos e muita a fazenda. O contrário do que se vê hoje em dia. Verdade seja que, a partir de 1710, só por exceção vem deserto e alvidrade o fute. E pena. Parece é então que o deserto é tanto, que deixa de ser um privilégio de escola infantilizada nas classes inferiores e sobretudo entre as estradas de estimativa. Para impedir escândalo, tanto é que o ordenado régio de 20 de Fevereiro de 1696 vendeu as escravas "de todo esse Estado do Brasil, cuja nenhuma das Capitanias delle, possam usar de vestido algum de seda, nem se sirvam de casacões ou de holandas, com rendas ou sem elas, para nenhuma razão, nem também de guarnições de ouro ou prata nos vestidos".

Não passaram à história os nomes das costureiras e modistas de Piratininga. Saber-se que havia a modestia de suas pretensões. Cíneas encravadas, por exemplo, custa o feitio de um diaqueles tecidos copiosos e complicados de que falamos.

O que encanta o vestuário são os chapins de faxina e as varas de fita que remam. Pode ser motivo por que em se tratando de artifício recém-criado, resta menos de vinte e quatro mil réis para lhe fazer uma fisionomia para poder servir nela, ou para um vestido de igreja, que necessita mui-

# LIMPEZA DA CASA - Alcantara Machado

te, por ser já mulher ou por estar desbaratada de riquezas.

As joias não há dama que se considere afortunada sem vestir a patente, sobretudo, rima da poligânicas, ria que é sinal de o gosto por essas coisas, e no inicio, tão amado de atavios e bijuterias.

Os brincos de orelha varam a infinito: enraivecidas, argolas de ouro de canelito, pétalas com suas argolas, arracadas de duas e três linhas, arracadas de ouro ou prata sobreposta com pernas de alforjes, cabacões e cabacinhas esmaltadas de verde, brincos de alforjes esmaltados de prata com unhas cabacatas, brincos castanhos com suas perolas. Outros de filigrana esmaltados de branco e verde com alforjes por pingentes. Outros ainda, pendentes de ouro com quatro pensamentos. Pensamentos se digem certas argulhas, por causa de sua finura extrema. A explicação é de Viterbo. Sobra-lhe em autoridade o que te conta em clareza.

No colo se penderam gargantilhas, afogadores, cadenas.

As gargantilhas as de maia aparato são as duas pertencentes à Ana de Frota, mulher de Pedro Dias Leite. Ambas, de ouro esmaltado de verde, branco e azul. Una tem vinte, e outra vinte e quatro pedras verdes e uma peça grande no meio, com pedras da mesma cor. A profusão de gemas verdes traz à lembrança o nome de caçador de esmeraldas, que é, com efeito, cunhado da possuidora dessas joias. Joias, que, aliás, não representam grande coisa: somadas, quatorze mil e poucos réis.

Mais valiam os afogadores e gargantilhas de ouro, com suas pedras brancas e pingentes de ouro e alforjes, ou guarnecidas de pernas e pedras verdes, que figuram no espolio de Valentim de Barros. Ainda mais, as cadeias de ouro. Cem mil réis é o alvidramento de uma que está marcada com um fuso, donde está um fio azul com a marca real: cento e quinze mil e duzentos, o de outra, de quatro voltas; cento e setenta e oito e cento e vinte e duas mil e quatrocentos, respectivamente, o do cordão grosso engranizado, com um crucifixo grande, e o do cordão de cadeia, com um crucifixo pequeno, arraiados no inventário do riquíssimo Matias Rodrigues da Silva.

Das cadeias não pendem suntuosas cruzes, Ihes, crucifixos. Pendem também, à maneira de berlindas, esgarçadeiros de ouro. Por esse nome se conhecem uns instrumentos pequenos, de ponta curva, à imitação da unha dos pássaros, e trabalhados a primor, com figurinhas em relevo. Desfilam-se prosaicamente à Imprensa dos dentes. Outras, de forma um pouco diferente servem para a desobstrução dos ouvidos. Introduzidos em França por Antonio Peres (informa Cabane), ganham rapidamente o favor da alta sociedade, e ninguém

se anima a aparecer em público, sem trazer à mostra, num requinte de elegância, o seu palito de metal. Os inventários testemunham a aceleração que trouxe essa usança galante em São Paulo de Piratininga.

Em vez de fios de pérolas e cadeias de ouro, algumas senhoras adotam gargantilhas de azevinho e voltas de coral ou de alabastro. Por alabastro entende, no dizer inflamado de Rocha Pitta, "aquele ambar gris que, para aumentar as riquezas da América Lusitana lhe lança o mar por muitas partes de suas costas". Contas de ouro e de alabastro, peras de ouro cheias de ambar, gargantilhas de coral com seis folhas de ouro a modo de coração, voltas de alabastro grosso com extremos de azevinho e no extremo grandes corais vermelhos, raramente de valorio com extremos de corais, tudo isso aparece de vez em vez.

Nos dedos resplendem anéis e memórias. Estas, vingadas. Aquelas, de lascas ou revestidos de pedras postas em ordem; brancas, verdes, roxas, vermelhas, azuis. As gimas são assim nomeadas pela cor e não pelo nome. Por exceção aludem dois inventários a esmeraldas e ametistas. E' mesquinhão o valor que lhes atribuem os avaliadores. Estimam-se em oitocentos réis um anel de pedra azul; em mil e duzentos, um de nove pedras verdes e outra vermelha no meio; em igual quantia, um com sete pedras brancas. E' que se trata, provavelmente de turmalinas. Faz-se às vezes em anéis e outras jóias com muitas pedras de cristal.

No chapéu cintilam por vezes lacadas de filigrana ou rosas de filigrana com alforjes por cima. Nos chapéus fuzilam chapas de prata.

Alude-se alegre a uns alforjes de trazer em braço, com seus extremos de ouro e de rama de coral de três fios cada um, de braço, de mister.

Se as pulseiras são raras, os rosários aparecem com frequência. Constituem elles o complemento indispensável do vestuário feminino de grande gala. E' só na igreja que a mulher tem ocasião de fazer uso e de mostrar-se bela. De modo que o rosário faz neque tempo as vezes do petit sac de nossas mães. Assim, aquela de corais, com extremos e cruzeiros de ouro, e aquell'outro engranizado de prata, com vermelhas de turmalina, de que se guarda notícia.

Os homens dão mostras de igual predileção pelos ornatos de metal precioso. Para seu uso se fazem, de prata, fivelas de cinto, fivelas de sapatos, botões lisos d'água, fechos em feito d'ouro e prata, com seu bacalhau. De amáis d'espata, se adornam as armas de fogo. De armeira é a lanche ou sinete da arvore Bento Pires Ribeiro, com insignia de seu posto de canhão.

No horizonte à Imprensa da casa há um abismo entre os inventários, mais remotos e os mais recentes.

E' com mal contida admiração que os avalia-

dores dos primeiros descrevem as toalhas alcalhadas de franjas, as de linho fendas em Portugal, as de sobremesa de algodão com suas cadilhas à rodas de mesa com três rendas pelo meio ou suas cadenetas à rodas; os guardanapos de Flandres; as toalhas de água às mãos com seus abrolhos e suas rendas de azul e branco; os lençóis de holanda, de franjas, as camisas de travessero ou de meio travessero e as fronhas de cabeçalho de pano de linho, com sua rede por bocal e ilharga lavrada; as colchas bordadas de vermelho e as franjas vermelhas e manequins ou borlas do mesmo e o meio verde-mas de setim da Índia; os cobertores de papa ou lá felipuda, ou de pano azul de três covados bem medidos, ou de pano verde com guarnição em redor de veludo de verde e seus fregos; os pavilhões de tafticeira, manequim, com suas franjas de linha e seu capelo, e as cortinas de cama, que são cinco peças, com seis sobreças de pano de algodão; os travesseiros de cama, com suas rendas pelas ilhargas e abrolhos.

Que diriam elas, se transportassem ao tempo em que vivem Domingos Jorge Velho, Valentim de Barros, Pedro Dias Leite, Bento P. Ribeiro?

E' na baixela e nas alfaias de cama e mesa que a gente apontada faz timbre em ostentar a sua opulência.

Tudo em profusão. Tudo ataviado de rendas, franjas e crivos. Tudo de tecido fino.

Multiplicam-se as toalhas de mesa e sobremesa. Estas, em três panos lavrados ao redor, tendo a rodas, pelas ilhargas, entretecidos e pontas de renda, e abrolhos à cabeçalho. Aquelas, com dois e mais pega-mentos, com suas rendas e desfades e abrolhos ao redor e pelo meio. Outras, com quatro rendas ao comprido, rendas e franjas ao redor, a sobremesa como uma ponta de renda e a guarda-mesa quadrada de bordadura.

De bretanha, com rendas de tramoia, as toalhas de rosto. Os lençóis, de linho, com seis desfades e rendas ao redor e pelo meio. Lavrados com suas crivos, os guarda-cãpulas e as fronhas. Azuis, com passamanos de ouro, os apartadores de cama. De chamalote e serafina, as colchas de sobremesa, para não deastarem dos cobertores de cochochinha vermelha, ou serafina amarela, com rendas de cós e bordados de tafta amarelo, de seda com franja de ouro.

Em meio de tantas cousas deslumbrantes avulta a ausência de certas cousas pequeninas.

Os lencos, por exemplo. Não passam, os arrulados, de vinte, distribuídos entre onze pessoas. E' que nascem tempo só a gente educada limpava o nariz... na manga do vestido. E quando se vulgarizou o uso de lenco, mandava o bom tom que ele não entrasse em atividade, senão depois de terem o indicador a polegar desempenhado a parte mais considerável da tarefa.

(Vida e morte do Bandeirante)

## PERFIL DE JOAO RIBEIRO - Alcantara Machado S E -- (De Rudyard Kipling)

A esse homem dotado materialmente pelas naturezas de traços regulares, olhos magnéticos, de domador de feras e multidões, máscara das grandes emoções, nervosa e frenética; a esse diplomata obrigado por dever de ofício à galanteria no trato, distinção nas maneiras, apuro no trajar; consciência ancorada solidamente no porto seguro do convívio; coração vibrante de sensibilidade, limpo de fel, inscrito à misericórdia; engenho menor, poderoso do que delicado e culta, mais rutilante do que orofunda, sucede entre nós João Ribeiro.

Se não fosse o receio de infringir a máxima proibitiva do emprego de palavras maiores do que as nossas, diria que ele constitui o avesso ou a antítese de quem o precedeu.

Estamos a vê-lo, com aquele ar muito seu de caboclo ensimesmado e aquela impressão que parece com certas effigies populares de Sarmiento. Brevíssima é a compleição. Fisionomia estagnada. Olhar emboscado por trás das pálpebras solenamente espessas. Lábios carnudos, em que, de quando em quando, se desenha uma sorrizo equivoco. Gostos circunstanciais de preguica. Não entendo como tanto lhe aprovou tanto a muito bem com o resto, e o hábito dos frades, austeridade e folgado; mas a vestimenta se limita a desempenhar o papel de licença manifesta a uma permanente postura de irreverente nudez. Livros, folhetos, cartas, transvancam os bolsos. E' o que ameaçando-lhe a morte. O lago da gravata desceça a intervenção

de mãos cuidadosas. Mãos de espinha ou de liliás, certamente.

Só a modorra, e desalinho, a senilidade aparentes há em constante vibração um espírito luminoso e travesso, maravilhoso de graça, penetração e agilidade. A tapera é o esconderijo de Ariel. João Ribeiro anda fantasiado de falso de tal.

Quantas vezes se há dito e repetido que ele conservou até ao fim as gracas da juventude! Conservou-as, acrecentando-lhes, todavia, as forças da natureza. A sua mocidade vitalícia é como a dos troncos secundários, sempre iguais e sempre diversos, que periodicamente se desvestem das folhas caducantes e dos galhos mortos, e tornam a enfolhar-se e florescer, integrados no ritmo da vida. Vem daí o prestígio singular da obra que deixou. Encanta-nos a todos, antigos e modernos, porque realiza o milagre de fundir o que na antiguidade existiu de succulento e atualidade encerra de saboroso.

Dos velhos, dos que foram longamente humilhados e traídos pelo destino, dos que perderam os tassalhos, em amputações brutais, o melhor de si mesmos tem a melancolia surda e mansa, o desengano sem arredore, a desconfiança conformidade com a fraude ávida e as injuscas da fortuna, que compõem a veredilha sabedoria.

Do mucus, o desapego aos bens peculiares, a reação instintiva contra as afirmações dogmáticas, o ódio do inédito, a veia da ironia, as fitelas e nos qualificam a versatilidade, a diversidade, a originalidade, a independência da intuição.

... tradicionais, com...  
Confirve-me pag. 100.

(Tradução de ALCANTARA MACHADO)

Se puderes guardar o sangue frio diante de quem, fora de ti, acusarte; e no instante em que dividires de teu ânimo e firmezza tu puderes confiar na própria fortaleza, ambrando em confundir a desconfiança alheia.

Se tu puderes não odiar a quem te odeia, nem pagar com a culma a quem te culma, sem que circas das motivos de afasia, sonhar, sem permitir que o sonho te domine; pensar, sem que em pensar tua ambição se confine, a esperar sempre e sempre, infatigavelmente...

Se, com o mesmo sereno olhar indiferente, puderes encarar a Derrota e a Vitoria, como empousas que são, da fortuna ilusória; e rápidas suportar que intrigas e mentiras deturpem a palavra honesta que profiras...

Se puderes, no ver em pedaços, destruída pela sorte maledosa, a obra de tua vida, tomar de novo a ferramenta desgastada, e, sem queixumes vãos, reconceas do nada...

Se, tendo loucamente arriscado e perdido tudo quanto era seu, num só lance atrevido, tu puderes tornar a faina ingrata e dura, sem aludir jamais à sinistra aventura...

Se tu puderes, coração, músculos, nervos, reduzir da vontade à condição de servos, que embora exhaustos, lhe obedecam ao comando.

Se, andando a par dos reis e com os grandes ludibriando, puderes conservar a naturalidade, e no meio da turba a personalidade; impavidamente, afrontar adulações, engodos, opressões; merecer a confiança de todos, sem que possa contar, todavia, contigo incondicionalmente o seu maior amigo...

Se de cada minuto o sessenta segundos tu puderes tornar com o teu surco fecundo...

a terra será tua e o horizonte que se não som...  
a, o que é melhor, meu filho, então serás UM HOMEM!

**PERFIL DE ALCANTARA MACHADO** -- (Trecho de discurso) -- RETILIO VARGAS

De Alcantara Machado podemos dizer que foi um menino-nómo. Cresceu e educou-se sob a direção e imediata influência paterna. Brasílio Machado, professor, advogado, político e orador mereceu lhe os rumos da existência desde os passos iniciais. Frecece concentrado, estudioso — aos 21 anos se fazia professor na mesma escola onde pontificava o pai. A esse curto e disputado ensinamento — um trabalho completo sobre medicina legal — revelou-se uma inteligência vigorosa, honesta e armada com os melhores recursos da cultura jurídica e das letras clássicas. Daí por diante, nenhuma hesitação na marcha. Entregeu-se a outros trabalhos, como advogado e político, e os realizou com a mesma segurança e elevação de idéias.

Alcantara Machado servava para os amigos uma constante e enternecida assiduidade. O que o fazia parcer em expansões e o colocava na posição de quem não quer ser visto talvez fosse o receio de parecer falso e metido, quando o seu empenho maior consistia em guardar fielmente a si mesmo. Pertencendo a uma geração de crise — a de 1890 — teve oportunidade de conhecer períodos de depressão, de prosperidade geral e de sérios traumatismos políticos. Recolheria, na fase de formação, as últimas influências do romantismo e sofreria as primeiras inquietudes do século. Explique-se, assim, porque ao atingir a idade madura desfeitas muitas ilusões e embecido de ressentimento cristão viesse a considerar "a vida uma grande liceu de humildade".

Poucos contactos pessoais tive com Alcântara Machado para considerar-me habilitado a falar do seu feito íntimo, das linhas do seu caráter, dos seus sentimentos e reações diante dos atos humanos e dos acontecimentos sociais. O que reconhei, porém, confirma substancialmente o testemunho dos amigos e dos que o conheceram de perté. Muitos se referem à sua bondade acudidora, à timidez que parecia dominar-lhe os movimentos e dizer a quem não o conhecia uma falsa impressão de soberba e superioridade estudantil. Não me parece que esse fosse realmente o "feitio honesto" do seu caráter. A timidez nos espíritos cultos e sensitivos faceis de ser atingidos simultaneamente pelos estímulos da emoção e da inteligência, não passa as mais das vezes de uma disposição espontânea da personalidade. O timido é geralmente um fruto de ventilação. Nas suscibilitades exageradas, nas tensões e afrouxamentos das reações nervosas, era amortecida ora abruptas deixava surpreender nos primeiros contactos. Falta-lhe por isso mesmo, nas ações e na maneira de comportar-se, os níveis de contumacia e de serenidade que são visíveis e persistentes nos temperamentos equilibrados, saudáveis e fortes. Alcântara Machado escapava, evidentemente, a classificação de timido. Nos ações e nos modos de agir demonstrou sempre uma coragem serena e uma composte firmeza.

Poderiam levá-lo por conveniente a transigir, mas não o obrigaram, jamais a desistir por imposição ou temor. Eram, apesar disso — afirmam quantos os desfrutaram — convivência e o triste fidalgo — um adiuvio. Não se confiava facilmente a intimidades, mas re-

Paulo. Ao ingressar no professorado, a sua mentalidade já estava definitivamente conformada e apta a aplicar-se com seguro equilíbrio. Foi, por isso um mestre completo e um cavaleiro de rara proficiência.

A organização do Código Criminal vem a ser, por conseguinte, uma espécie de cornoamento das atividades do jurista, do professor e do advogado. Foi-lhe confiada num herança de transição política, quando se mudavam as instituições para cuja adopção o parlamento decisivamente contribuiria. Lembro a circunstância para salientar como o político subiu sobrepor-se, serena e patrioticamente, às contingências dos acontecimentos. Esquecendo-de si, superior às suscipeções e às decepções, esteve sempre pronto a aplicar o saber e a sacrificar as comodidades pessoais em proveito das iniciativas alusivas à coletividade.

Nas atividades de acadêmico conduzim-se com idêntica elevação de espírito. Já o disseram melhor do que eu, por ocasião da sua morte, os amigos confrades congregados em sessão para celebrar-lhe a memória. No acervo dos seus trabalhos as orações acadêmicas representam uma contribuição literária destinada a durar e a incorporar-se ao patrimônio cultural do país. São páginas vigorosas de penetração crítica, saturadas de sentido humanista, onde o espirito se mostra na plenitude dos seus recursos de expressão. Lembremos, nos discursos de posse e recepção que pronunciou os juizes sobre Silva Ramos, Luiz Guimarães Junior, João Ribeiro e Joaquim Nabuco. A precisão dos conceitos, o exame das ascendências culturais e os nossos históricos indispensáveis em trabalhos críticos de ampla estruturação transformaram os perfis traçados numa galeria rica de conteúdo espiritual e de interesse humano.

Alcântara Machado trouxe para os trabalhos acadêmicos a sua deslumbrada capacidade de compreender e aclarar sem restrições ideológicas e preconceitos de escala, os valores facundos da inteligência. Acreditava no préstimo social dos intelectuais e na função política da literatura.

**Alcantara Machado e Domingos**

Alcantara Machado estudando, em seu livro "Gougaives de Magalhães ou o Romântico arrependido" (1936) Lavarim Acadêmico — B. Paulo as influências que deveria ter sofrido o pretendido intérprete do romantismo no Brasil, trata muito mal a Edward

conhecendo que o único gênero existente no mundo era Deus, o resto da criatura se compõe de alguma homenagem mediocres e meridionais bairros. Entre muitos teceu meditações sobre os dimes floridos e diante da morte ressentiu da criatura.

Young e a sua obra "Night Thoughts"; "Literatura lúgubre de pastor protestante, que serveu a entero e a sermão".

Alcântara Machado mostrou-se tão aceitado sobre Gonçalves de Magalhães quanto eriado a respeito de Edward Young. Este poeta nascido um século antes de Magalhães mais conhecido pela tradução de Le Tourner que instituiu a obra com simples letrero de "Nulls", é um originalíssimo poeta que estava verdadeiramente distante cem anos no tempo e na essência, da literatura acadêmica do Ilustre Visconde de Araguáia.

Tudo decorreu dentro da noite, e homem cavando uma vala-cultura para a filha morta e susurro do vento raspando a lidação passou a habitar as ruas do miserável, a terra fria, que, recusando uma cova que rebosasse o corpo, se tornou uma vila constante. E a exacerbação funda angústia, a necessidade de fazer desaparecer os depoços queridos, armes dos dias, ar, a dor da separação, o homem curvado sobre o solo, cavando, cavando dentro da noite, Repusantiva o coxeiro da própria lidação, sob o olhar do Senhor, sempre ele assistiu ao drama,

"Night Thoughts" é um poema supra-realista, "do surrealismo" de todos os tempos, e por isso mesmo difficilmente influenciador do arcadismo de ou-  
voo dos "Suspens Poéticos e  
Saudades"; versa sobre as des-  
gracas oocentes das Young quando ao visitar pelo meio-ua  
da França perde a filha estre-  
meida, e coisa pior — recusan-  
do os adversários de sua  
sua, da sepultura a pretendida  
herxe. O infeliz pastor, à uz  
de um archote abre ele próprio  
uma cova a chão onde repousa  
o corpo querido da filha morta.  
Ai tem visões que lhe ensinam  
os destinos do pobre ser huma-  
no ante a estatura e o poder  
imenso de Deus.

Young vive pois a sua tragédia e extraí destas horrificantes realidades um poema leserdenado, pois se tal poema fosse coisa disciplinada, num sentido, medida, seria uma simples lieção com aspiração à literatura. Mas, no desgraçado pastor, animou de inicio uma intenção religiosa de resignação, de confissão para diante da impotência do Senhor; inspirou-o a sua capacidade de sofrimento as alucinações. Não estava Louvada seja, Senhor, que este assistiu a esta cerimônia resurreicão, pois tu és magia e eu sou seu ajudante. Enfim sou quem representa, tu és o artista e tu tens comparsa. E quem siste? Eu ou tu? Senhor, não querás que comprassem em mim a confusão, em me abordares para que eu não sofria neste momento de separação. Realmente não sofro porque me infundiste fé no Espírito".

cotada humildemente para exemplo dos cristãos, aos quais pretendia favorecer. Não ha canto de romanismo na história desse vale — ha é uma loucura poética, os versos possivelmente eram de entusiasmo animado.

Domingos Gonçalves de Matos ilhes também perdeu filhos, tiveram-se os no posto Jaguera e nosso representante junto a S. Tólio Emanuele ou Junto ao Alexandre II.

ruins são entrânto amilnacous de sincera poesia. Na memória de Young o desespero da noite noite ficou tão vivo que permaneceu em forma de medição de estado natural, de sua elaboração paúquica, sem intermíliências — pensamentos em fim: dai o título — "Night Thoughts" que o tradutor situou para a sensaboria de "Nuits". Alegrou-me encontrar recentemente Young recensado entre os mais antigos precursores do suprarrealismo — entre profetas, loucos, poetas, delirantes, etc. — na antologia de Georges Hugnet «Editions Jeanne Bucher, Paris» ao lado de Arman, Saramago, os medievices videntes "Mistérios" — Canticos — memória a memória de meus filhos. Seria a palavra funebre empregada na sub-epigrafe do oitavo brasileiro que levasse Alcântara Machado a pensar em influências de Young sobre Magalhães. Não chegou a ser o Visconde de Aragunza nem mestre um mímico apesar de haver trazido a novidade de rotuno na tecelagem da Escola em seu regresso ao Brasil. Antes e durante o romance, que foi sempre um treacle, já decadente, que com bastante caricação versavam eclogas, liras, tragédias, cantatas, epopeias, etc. etc.

carrol. O prelaciado anticlerical assegura mesmo: "Les Nuits d'Young sont surréalistes d'un bout à l'autre; c'est malheureusement un prêtre qui parle, un mauvais prêtre sans doute, mais un prêtre".

Alcança-se a distância que se separou do supra-resistido império. Fode-se dizer, sem medo de contestação que a poesia de Dom José Gonçalves de Matos não bebeu seiva na religião.

Alcântara Machado entretanto (se refere à pág. 18, op. cit.) a "filosofia barata de Young". Nada de filosofia existe no seu romance "Contempações", contendo meditações em meio de tumulos, reflexões sobre um jardim florido e um discurso sobre a criação". Este prólogo substitui a revela a qualidão do vale lehrante, visionário que foi aquele poeta pastor anglicano. Não é a circunstância da elaboração poética entre tumulos, um fato que nos leve a chamar de funerária a literatura de um artista. Este pode se encontrar num cabaré o que não impede de estar, fabricando dentro de si, pavorosos pensamentos completamente agudos. Pois o nosso Young não ficou fúnebre entre os tumulos mas mediou sobre a sua insignificância. Só que, desejando, em dade de Chatenubriand, notavelmente também no ressumo místico que se tinha produzido na Alemanha sob Immanuel Kant. Estas as causas que levaram à distância. As mais próximas e sem dúvida as que agiram mais eficientemente no seu espírito foram a sua educação eclesiástica, a educação dos seus amigos mais próximos como Sales Torre Homem, e o breu encontro com Monte Alverne, a ascendência que este frade sempre exerceu sobre ele. A Igreja no seu tempo possuía como ortodoxia de maior nomeada o catolicismo meio gótico criador do "Génio do Cristianismo". Havia tremenda confusão entre literatura, sentimentalismo patriótico e catolicismo. O seu benefício da literatura voltaria quando, mais tarde, o sentimentalismo perdera sua força.

Penult. be sent 11/8  
+ dinner at 6-6

10

the winter compass

... que se ha de hacer para el procedimiento, con lo  
que se han de cumplir las normas y las  
normas que se han de cumplir para el  
procedimiento. Toda vez que se cumpla con lo que  
se ha de hacer, se tiene (que) se  
cumplirán, se cumple con lo que se ha de hacer.  
Toda vez que se cumpla con lo que se ha de hacer

— 10 —

un - arm -  
1. *Alauda arvensis*

*Um autógrafo de Alcântara Machado — Carta a Mário Leão, datada de Abril de 1931*

## Gonçalves de Magalhães -- Jr JORGE DE LIMA

## Perfil de João Ribeiro -- (Continuação da página 107)

ta religioso que Guardini acha e se desvaneceu no mundo.

No Brasil a confusão era grande. Da tribuna sacra, Joaquim Barbosa, S. Carlos Sampayo, e o eloquençíssimo Mont'Alverne fazem festejáveis predicas sobre o nazismo incipiente, os excessos da patrícia recentemente derrotada de Portugal; de modo que a religião surgiu a mundo misturada de ressentimentos nacionalistas e de outras elas que as crises nacionais graves provocam nos espíritos retóricos e oratórios. Se o romantismo de Magalhães se tivesse conservado manifestando dentro das intenções da poesia, teria nos dado o maior poeta do Brasil.

Ele queria que a poesia "suolasse de contínuo ao Senhor", cumprisse vibrar as cordas eternas de Santo, da Justo e do Belo. A inspiração poética dos "Sussurros e Sussitudes", por onde remonta a sua pretendida renovação literária, foi buscar inspiração nas fontes mais altas que a poesia pode conceder a um poeta: a reflexão sobre o destino dos imperios, a Natureza em suas suas grandiosas "representações, o lembrete do infinito e da eternidade de Deus, as profundas meditações sobre a sorte da pátria muitas vezes ameaçante, a grandezza do cristianismo, os lugares suggestivos como as catacumbas e as ruínas, tudo separam os temas que vêem urdir na sutil trama da poesia. Daí-nos a impressão do novo leitor que só pudesse brindar armas com espadas e viseras de ferro.

A idealização e o fracasso de seus planos poéticos e a quasi completa falência da sua renovação literária, o desacordo entre a vida do poeta e as suas aspirações, detalhes preciosos de biografia, a graça com que nos conta os episódios mais interessantes de sua existência, o ridículo frequente de sua poética, e também o justo mérito de muitos de seus versos, é o que conseguiu nos contar o senhor Alcântara Machado em seu livro — "Gonçalves de Magalhães ou o romântico arrependido". Os documentos sobre a sua poética, os seus preciosos cartas e amigos, escritos vários sobre as suas anteriores literárias são numerosos em nossos arquivos; o que não lhe são informações precisas sobre o homem. Pois bem, o fato que Alcântara Machado escreveu sobre Magalhães, nos dá a impressão de que um filho do poeta houvesse contado as minhas da vida do pai ao autor do excelente ensaio. O estudo é obra de quem honestamente examinou e reexaminou tudo o que o poeta escreveu e escreveram sobre o poeta. A argúcia do crítico retorna da copiosa obra do romântico arrependido, os fatos mais surpreendentes de sua vida. Entretanto, a poesia do ilustre romântico apesar da intenção de elevação manifestada pelo vate, andava num nível tão baixo que a maioria dos fatos banalizaram a existência do poeta lá estão em sua obra contados em verso. Magalhães era homem que ao fazer anos versava: "Agoitos, rincões e dols hole completo". Estes versos tendo sido escritos em 1833 dia-nos o dia exato do nascimento do poeta. De um simples verso sem nenhum valor, a "Confederação dos Tambores"; "Niterói! Niterói como é formoso", o senhor Alcântara Machado descobre justamente que o vate não nasceu na vizinha cidade do outro lado do Guanabara, mas que Niterói se chamava toda a baía fabosa "como um profundo lago salpicado de frangelas ilhas!".

E ao terminar a leitura desta biografia e crítica do nosso primeiro romântico, a maioria dos leitores que há lido Magalhães ficou surpreendida de termos os olhos do ensaísta, descoberor tanto ciúme de autobiográfico no sentido cronológico (aliás a coisa mais chata da auto-biografia). O senhor Alcântara Machado para o completo estudo do romântico,

citou todas as informações que existem esplêndidas nas suas revistas. E devido a este caráter seletivo na poesia de Gonçalves de Magalhães que é o informativo, ficou sabendo que a mãe era brasileira que o pai era português, os irmãos terceiros, — infância decente, literatura subordinada de seus estudos de medicina, da partilha do Debré, das viagens, das cidades que conheceu, "a senhora Caetani" e outras senhoras nem importa, com quem falou, e até de um atentado meio rocambolecos de que só soube depois de ter visitado e ter feito versos no Coliseu: "Três de punhar armadas, nos gatos vultos,

Como da terra erguidos nos vestem

Magalhães pôs na poesia, não só as cores de sua terra, mas os primeiros que tiveram tal tenacidade, mas as raízes da terra estranha, não só os seus parentes mas os seus amigos.

O homem que versava com excessivo carinho para todos os seus amigos do peito, a Luiz de Lima e Silva: "Eu só Lima que meus versos prevas"; e a Araújo Porto Alegre:

"O meu caro Arujo, inde um braço, encheu ainda um abraço ao seu amigo.

Pela última vez... aberta... impresa...

E a Sales Torres Hemet:

"Sabes com que pezar te deixo ó Ibales.

Companheiro de infância".

Despede-se em verso a 21 de junho de 1836, de uma vaga língua Lisboa ("pág. 36"), descreve em versos — modas de casacos, saídas de seus colegas de medicina, ataca os almoçadinhos da época que então se chamavam — "lunetas".

Esse homem que presava a poesia com todo o seu ardor de romântico, submeteu-as às suas maiores experiências domésticas, como certos apaixonados transformam as suas bem-amadas em boas cozinheiras e lavadeiras para uso próprio. Não estava nisso o único contraste da vida de Magalhães: achava que "um vate era mais que um rei", capaz de dezenas de todos os magníficos de mundo, e celebra assim, a coroa de Pedro II com estes versos:

"Eu-te enfim, Anjo nosso, soproso  
O Cetro de ouro..."

O homem que começa a vida provida da amizade e dos favores dos potentados de seu tempo, e a termina com o título de Visconde de Arapuá, e o mais vivo deumentido às declarações de sua musa. O livro do Sr. Alcântara Machado ainda nos fará conhecer dos fatos desconcertantes da vida de Magalhães. José Caetano formou o criador e intérprete de seu "Antônio José"; poeta e ator eram bons camaradas, mas quando este necessita do apoio do amigo, na Câmara, contra a injustiça que lhe causara o Senado, suprimindo a subvenção que lhe queriam conceder, Magalhães que era proeminente membro da casa, cruzou os braços indiferente. A outra: quando o Visconde de Araguaiá apresenta círculos a Pio IX, o capuchinho D. Frei Vital cumpre quatro anos de pena, na Fortaleza de São João. Nada sabemos de qualquer intercessão junto a seu grande amigo o Imperador a favor do bispo, nem junto a Antonelli, contra as chicanas de Peñin. E Domingos José de Magalhães era o poeta da justiça, defensor dos oprimidos e romântico do Justo, do Santo e do Direito! Era discípulo de Mont'Alverne que lhe devia ter deixado no espírito um bonito religioso capaz de ser mais tarde piedade pelo marfim — perseguido devido ao mesmo hábito de capuchinho.

Por volta de 1838 renega Lamartine e Chateaubriand: torna-se romântico arrependido. Morre com perto de setenta anos

(Continuação da pág. 107).

nho em louvor da natureza interior e sentimental do poeta e do poder que tinha de se renovar incessantemente, residem a sua modernidade e o seu encanto. A sua modernidade se vê essa palavra se nomeia, consagrando a delíria de Paul Valéry, a livre coexistência em um espaço culto, das idéias, das situações, das tentações mais disparate. O seu encanto: seguilo e despeça a tua reta, caminha complacente e curto, mas insolido, e encante por estrada solitária e caprichosa, encadeado de surpresas e controvérsias, que vai aventureando perspectivas, e rencontrando precipícios. A gente arranca-se a perder o folego e a própria salvadora eterna. Mas não se aborrece nunca.

Ninguém se enfada na compaixão de homens assim: diante de um cidadão, pulso de experiências, cuja divisa nem podera ser o conceito de Lessing: a vontade supremo não está na posse, mas na busca da verdade. Ou o fecho de "Ariane", de Pierre Louys: mais doce do que a condena e a esperança, e mais doce do que a morte e a saudade.

Pela curiosidade arrastado, exige quase todos os provinciais da arte. Encanta-se da museia. Tem a seguir a escultura. E a pintura que o seduz por ultimo.

Não há, de outra parte, gênero literário por que se não aplaudisse. Com exceção da eloquência. Tem-lhe vantagem folclórica. A tal ponto que se vêes lhe acomete e extremuhanar, quando Irio, ensaiado por este pesadelo horripilante: sonha-se alvo de tremenda manifestação de apreço, orgulho, as parfínias, as fábulas, que corre por si, e outras muito distintas no tempo e no espaço.

Faz, como bem acentuam Muíño Leão, o jornalismo de ideias, o

jornalismo que se compra, os

criaço de beleza e na difusão

de esplêndidas de fórmulas

do espírito humano.

Desarmou da férula magistral a crítica indígena. Inimigo pessoal dos dogmas, respeitoso da liberdade alheia, porque classificava o trágico sangue nordestino. A mesma aspiração do Albert Barnard "ce réve... de matir au soleil un temple ionien". O resultado não podia ser curto: alguns sonetos durante céreiros, da wigides e rugides do marmore pentelico. João Ribeiro não vacila: sepulta-os "no silêncio eterno das coisas mortas". Porque sabe que "poesia é sonho e emoção"; e diz-lhe a conselheira que não pertence ao numero dos que se enovem com facilidade e consentem em mostrá-la comovido. Eis, precisamente, a única vestidura que me atrevi a fazer a uma produção tão grande e abundância, na variedade e na perfeição formal. Nata lhe faltava, senão o calor da ternura humana, o rugido das paixões humanas, a fragrância humana das lagrimas.

Se o poeta não lucrou sensivelmente em se embranhar pela antiguidade grega em busca de Venus Mirónima e de ninhas equivalentes, muito ganhou o prosaista com a viagem, que em espírito empreendeu à terra natal da razão soberana e da beleza pura. Na contemplação de Palas Ateneia aprendeu o aticismo.

Assim educado, colocou-se na primeira linha dos escritores contemporâneos. Pelas nitides de inteligência. Pela erudição multificante. Pela linguagem clara e intemerata, iluminada com as virtudes cardinais do estilo. A frase tem a forma e o colorido naturais da idéia. A palavra está sintetizada com o pensamento.

Quantas riquezas e sábio polígrafo sergipano incorporou ao nosso patrimônio espiritual!

Reconciliou-nos com a gramática, transformando a megera em diamante conversável.

Renovou a historiografia nacional, com a fixação dos tipos



religiosos, considerados, a um tempo, falsas e verdadeiras, porque satisfazem momentaneamente a necessidade implacável que sentimos de encarar as coisas sob specie artemisatis, e encarar a fome, que nos devora, de imortalidade. E, enfim, o cristianismo sub-consciente nesse espírito, a obsessão de Cristo, que nesse instante, a paixão destruiu por todo quanto fala de Jesus e de seus confessores, o que autoriza Plínio Barreto a dizer que se consumiu em rendar a Casa do Senhor, através da formatura do culto, mas sem a coragem de entrar no santuário. Se no derradeiro instante se decidiu a fazê-lo, é maneira de questo rei mago da Floresca de Exemplos, pode murmurar, "com a voz sumida e todavia alegre: 'eu O vi'".

O mestre conservou até o fim a convicção de que a vida é boa como um fruto gostoso. Da mesma certeza, ou da mesma ilusão, participava o discípulo, que, chegado ao termo da longa e tortuosa entrevista com o planeta, devia levar saudades, sem saber se as deixaria.

(Discursos Acadêmicos.)

## O REGRESSO DOS MAGOS

(Continuação da pág. 104)

terra como desapareceram, atingidos pelo apêndice do sol, as aves noturnas. Ninguém mais terá a coragem de pecar contra a Juiz. Em troca do incenso que me deste, irá contigo a Vernal, e reparte-a com todos os mortais".

Calou-se Melchior. Foi então, magnífico de autoridade e força, pelo curta pelo vento do deserto, barba negra e imponente. Baltazar levantou a voz potente:

— Entendestes a linguagem de seus labios sacerdotes, quando de joelhos, beatando o chão, eu lhe proclamei a redenção, oferecendo-lhe o ouro mais precioso e mais raro, inédito tributo agradável a um rei? Dissime aquele sorriso: "Eu trago mandada por Men Pai a Justiça. Morreu, no instante em que nasci, a inguidade. Não mais se verá uma criatura aprisionada, expoliada, torturada por outra, sua irmã. Não mais a luta vencerá o espírito. Não mais a vítima virá do fundo de sua degeneração o sanguine triunfante no poder e na opinião. Em tributação ao outro que me deste, leva contigo a Justiça, e fa-la reinar sobre o mundo."

Gaspard, adolescente, de olhos negros, falou então mansamente:

— Subeis o que me derretem na admiração dessa figura complexa de erudição e de artista, fecundada em aspectos imprevistos e evoluções atrevidas, houve quem recordasse Voltaire, Montaigne, Pascal. Atento a medida, não consentiu ele na prova terrível que é a aproximação de culminâncias tanhamas. Confessava a apenas quanto se lhe entrava no pensamento o veneno delírio de Ernesto Renan. Renaniano, o estilo maneiro e leve, com a sua harmonia insinuante e a elegância feita de claras e sobriedade. Renaniana, a dileção pelos estudos linguísticos e históricos, promovidos a instrumentos de precisão para o conhecimento dos fatos do espírito e chamados a usurpar o papel "a filosofia na definição do sentido último da existência". E ainda a ponte puramente sentimental de piedade sem fé e incredulidade benévola em face de todas as

em Roma a 10 de julho de 1882. E é pena que não morresse enterrado para que melhores arrendimentos nos deixasse, o se ter feito versos nem poesia, por exemplo.

Depois, levando cada um deles o seu depósito, partiram os três Magos. Era longa e difícil a jornada. Tão áspera e tempestuosa que, tendo esse partida há dois mil anos, não chegara até hoje ao seu destino.

# Algumas cartas a Mario Guastini - Alcantara Machado

I

— 13 IV 18 (Caxambú) — Guastini. Recém-sarado de um gripe formidável e prossongo a mais não ser apresso-me em responder à sua última carta. As telegramas dei desde logo a devida resposta. Telegrafei ao Alvaro e ao Lacorda, pedindo para o Voulo o lugar que o Casal vai deixar. Do Alvaro recebi há poucos momentos um despacho nestes termos: — "Pedido feito". Diga ao Voulo que por seu turno se entenda com o Altino.

Por uma ironia singular o Acaso é o mais malicioso dos Deuses. sua carta, em que me pinta a dançar colas complicadas nos bailes da estação, me encontrou com as pobres pernas envoltas num couvre-pé peludo a lembrar aquele famoso cobertinho do João da Egas... E no lado, ao alcançar das mãos tiritantes, uma bateria de drogas sudorificas... E ai está como se escreve a história! De histórias anda cheia a História. Não atire portanto, as flexas de seu carma contra o sr. Freitas (1). Lembre-se de que a verdade é, em tudo, uma simples aproximação. O homem soube com certeza, por ouvir dizer, que com um osso roto, outros têm alcançado reconstituir animais pre-históricos e quer aplicar o mesmo método ao Padre Feijó... Quem sabe se lhe aprofundaria, para esse efeito a placá da sua paulistana mal afamada (2) que tem o nome do Regente, Adeus. Um saudoso abraço do — ALCANTARA."

II

— 24 outubro, 1925 — Meu caro Guastini — Mil e uns pequenos embraços têm-me privado de ir pessoalmente, como de meu dever e o meu desejo levar-lhe um abraço de muita gratidão, pelo que disse a mim no dia 19. Não me tivesse a vida ensinado a confechar-me e eu teria esforçado de orgulho... Mas não se freqüenta impunemente durante 50 anos uma escola, que alguma coisa não se aprenda. A vida é uma grande professora de humildade. — V. foi injusto. Mas foi bom. E sua bondade encheu ainda uma vez de gratidão o coração já transbordante do muito seu — ALCANTARA MACHADO".

III

— 5 IX 26 — Guastini. Multo obrigado pelo serviço que me prestou e pelo telegrama que me trouxe a boa notícia. Tudo vai correndo a contento; saúde tranquila, fim de verão delicioso como o inverno carioca. — Esqueceu-se de mandar-me o "Jornal"? Aqui sómente se encontra o "Estado" a 31.00 exemplar (1). Escreva-me longamente, minuciosamente. Para um paulista exilado as coisas mais insignificantes, as notícias mais banais do que se passa em S. Paulo (e em S. Paulo sómente se passam coisas pequeninas) têm calor e interesse. Um grande abraço em que resumo as saudades de todos nós. — ALCANTARA".

IV

— Paris, 9 de agosto, 1928 — Meu caro Guastini. Aqui estou, desde sábado, depois de uma ótima travessia; tempo magnífico, bons companheiros, um mar encantador, a lembrar o tanque da Praça da República — aquele mesmo em que as nossas admiraíveis administrações municipais colocaram pe-

dras de cimento, por não haver granito no mercado.

Paris, infelizmente de Ingleses, americanos, tchecos, brasileiros, todas as pragas itinerantes. As mulheres felizes do mundo inteiro se reuniram aqui neste verão. Resultado: hotéis cheios, explorados por Voleur & Cie. Estou pessimamente instalado. Mas será por poucos dias. Pretendo seguir em breve para Manheim ("Junta a Frankfurt") onde quero me fazer uma revisão geral no organismo e ponham em ordem o motor. Já que para a carroceria não há conserto aos 50 anos.

Nenhuma notícia dai. Nenhuma carta. Nenhuma carta. A propósito: — não se esqueça da seu.

Quero que junte dois favores aos tantos que já lhe devo. Primeiro: — escrever-me longamente, informando-me sobre a saúde do meu Antônio. Seu nome o tem debaixo de sua vigilância afetosa. Segundo: — obter do Príncipe Pacheco um passaporte diplomático para mim. Julguei que esse documento não tivesse valor. Mas estou agora convencido do contrário. E espero de sua influência junto aos altos poderes que não obtenga.

A deus. Recomende-me a exma. família. Um grande, um afectuoso abraço do — muito seu. — ALCANTARA MACHADO".

V

— Paris, 28 Set. 1926 — Guastini, esguinchando-se a custa por entre os sobradões que nesta rua tranquila me fecham o horizonte, um raião de sol, de um morno e desbotado sol outonal, marmara ontem pela manhã, o tanto da mresa em que a criada havia porto com os jornais matutinos duas cartas recent-chegadas. Uma, de Antônio. Outra sua. Eram como aquele ralo de sol, vindas de muito longe, uma restaca de luz uma onda de calor. Obrigado, pelo bem que me fiz, crendo-me. Obrigado por sua intervenção junto ao Ministério das Relações Exteriores. — ... E finalmente avisado pela assistência moral que tem prestando a Antônio. — Não o abandone Deus lhe parará, na felicidade de seus filhos, o carinho com que velar pelo meu. — ... E conto para isso com a sua amizade velha e provada.

Como vei ainda não sai de Paris. E' que o verão saboroso deste ano, a tranquilidade e a liberdade que me dá este apartamento a dois passos da avulsa do Bola (3), chesa de sombra e de verdura, onde Teresa (4) passa os dias, e a cem metros do Arco do Triunfo com a sua perspectiva incomparável — a faina em que vivo a correr os ateliers de móveis, de vitrais (5), de porcelanas de cerâmica, de serralheria artística, de prataria, em contato com as maravilhas da decoração moderna, — o horror que aos cinquenta anos a gente comece a experimentar pela vida de hotel e pelas estradas de ferro (especialmente pelas francesas tão parecidas com a Central do Brasil na imundice, nos atrasos e nos acidentes), tudo isso me dá uma preguiça imensa de viajar. Viajar para que? Ji, vi a Holanda na primavera, a Suíça e a Itália no estio, e o Brasil em todas as estações do ano. Em matéria de paixão, é quanto basta. Novas gentes, novas costumes,

Mas tudo isso tenho à mão em Paris. Há dias, tive como vizinha de mesa no Jantar das Ambassador, uma princesinha da Índia vestida à moda de seu país, que entre a sopa e o peixe, o assado e os entremes, a sobremesa e o café, dançava o charleston intrepidadamente com o marido, este de smoking e sapatos de vermelho imperecíveis. Em São Sebastião vi uma alegria africana transportada com todo o seu budum, das florestas do Congo para a mais elegante das praias do sudoeste. Negros e negras, de Barbados, egípcios, tunisianos, australianos, malaquitas e também (infelizmente) argentinos e ainda (desgraciadamente) brasileiros acentuavam-se nos boulevards e dançam no Flórida, no Palermo e outros cubrões da maré. Viajar para quê? Paris resume o globo. O globo e tudo é uma pastiche de Paris.

Pretendia ir a Manheim. Eu tustassei-me com o que me confiaram o Procurador de Carvalho e o Horácio Espúndula. Mas Manheim é uma estação para cardíacos. E ainda ontém verifiquei que é boa a minha pressão arterial. Agora quando as ferias, as notabilidades voltam a Paris, vou tratar de ouvi-las. E se depois disso tomarei uma resolução. Porque talvez (agora) é que dei acréscimo da minha irreflexão: nem o Procurador nem o Espúndula me examinaram.

— Escrava-me. Recomendo-me aos amigos. Mande-me o "Jornal" que ainda não vi, depois de minha partida.

Um abraço do amigo velho — ALCANTARA".

VI

— S. Paulo, 24 de outubro 1939

— Muito e muito obrigado, meu velho, bom e querido amigo Guastini, pelo bem que me fiz, inscrevendo o meu nome no lumiário de seu último livro. Adorei com acerto em reunir um pouco do que espalhou pelos jornais em tantos anos de humor e profícua atividade; o que permite aos homens de minhidade a evocação de aconselhamentos e de vultos, que o tempo val insensivelmente desab-

tando, deformando, apagando. Folheei o volume com quieto instantâneo. Revi-me na sua Direita, a porta do "Jornal do Comércio". Passam lentos os apressados Herculano, Monte Piza, Cardoso de Almeida, Alívio Junior, gente grave, voz alegre, gente desaparecida, sem gravidade, sem alento. Detém-se um momento. Os dedos de prosa. Seguem. Nas quatro cantos, que logo despareceriam, desaparecem. Por vários caminhos vão todos para o mesmo lugar no alto da direita da Consolação, onde incontraremos de novo e com elas re-encontraremos para todo o sempre.

Instantâneos desbotados. É isso mesmo. Que tristeza e também que docura revela, antes que se apagueem de todo, implacavelmente! Quantos, que integravam definitivos, se desintegram na memória dos que vieram depois! Quantas coisas que entendíamos substancial ou casual, se desmoronam sem deixar vestígios! E como vão longe as nossas indignações e nossos entusiasmos, que nos preclam eternos!

De tudo isso que se foi para sempre uma coula restou: — a nossa amizade. Ainda bem! — Um grande, apertado, comunicado abraço do — muito seu AL-CANTARA MACHADO".

(Continua)

(1) — Referia-se a novas notícias que acerca das investigações da comissão historiográfica de Affonso de Britto, que desaparecida, em 1936, em missão diplomática, foi morta de pedra. Foi:

(2) — Por esse tempo, a sua casa, que era a de seu pai, na Rua São João, 10, foi incendiada. Alcantara continuou editando de algumas salas, que de fato, mal permaneceram.

(3) — Rua Olímpio nº. 1.

(4) — A última das filhas do casal Alcantara Machado.

(5) — Para a casa em que veio a falecer, a sua Frederica Stiedel.



Um dos últimos retratos de Alcantara Machado.

# Palavras que enganam o tradutor de inglês - III. Miss Hull

Prosseguimos hoje na publicação das "Catchy Cognates or Deceptive Doubles" — capítulo do livro "Aids to the Study of English", de autoria de Miss Hull, catedrática de Língua e Literatura Inglesa da Faculdade Nacional de Filosofia e que saiu a Junte preventiva:

- 51 -- gentle: Quiet, mild, tender. / P. Sérén, brand, manso.  
gentil: Cavalheiro, nobre. / E. Gentlemanly.
- 52 -- grace: Ease or refinement of movement or manner. / P. distinção de parte.  
grace: Favor; elegance, espiritual; grace: sacerdotal; name. / E. Favour, elegancy.
- 53 -- gracious: Courteous, benevolent, benignant. / P. Benigno, benig.
- gracious: Elegant; chocante, distinto, atraente. / E. Smart; given to joking, funny.
- 54 -- grand: Splendid, dignified, lofty grandeur. / P. Sublime.
- grande: Intenso; extenso; vasto; notável; adulto. / E. Large, great;
- 55 -- grateful: Thankful. / P. Agradecido.
- grate: Agradável; agradar. / E. Pleasant, refreshing: the same as above.
- 56 -- guard: State of vigilance, sentry, train-official. / P. Detenção; condutor.
- guarda: Vigil; cuidado. / E. Watchman, policeman; care.
- 57 -- (to) guard: Protect, take care of. / P. Velar por, vigiar.
- guardar: Conservar seguro; reservar; ocultar; abster-se. / E. Keep safe; put away.
- 58 -- guardian: Legal protector of minors. / P. Tutor.
- guardião: Funcionário superior de alguma convenção. / E. Ecclesiastical superior.
- 59 -- guide: Lead, direct, conduct. / P. Conduzir, dirigir.
- guia: Governar eavios, navegar barcos. / E. Drive, steer.
- 60 -- honest: Upright, especially in money matters. / P. Correto, integro.
- honesto: Honrado, casto, virtuous. / E. Decent; chaste.
- 61 -- ideal: To represent person or thing as ideal or perfect. / P. Dar carácter ideal a.
- idealizar; Imaginar, criar na mente. / E. Concretizar.

- 72 -- idiom: Expression peculiar to a language. / P. Idiotismo.
- idioma: Língua de uma nação. / E. Language.
- 73 -- inconvenience: Lack of adaptation to comfort or ease. / P. Incomodidade.
- inconveniente; Inpropriedade, grosseira. / E. Impropriety, coarseness.
- 74 -- inconvenient: Contrary to comfort, troublesome. / P. Incomodo.
- inconveniente; Inproprio, grosseiro. / E. Impropriety; coarse.
- 75 -- ingenuity: Skill, inventiveness. / P. Engenho, qualidade de engenho.
- ingenuidade; Simplicidade; inocência. / E. Ingenuousness.
- 76 -- inert: Fall into danger from under blame. / P. Caer em perigo, sub critica.
- inerte; Calm; fear implicated. / E. Inert; be involved.
- 77 -- instructed: Directed, ordered to some course of action. / P. Mandado.
- instruído: Ensinado; erudito; quem recebeu instruções; ordenado. / E. Educated, learned; instructed. ?
- 78 -- intend: Purpose, have the intention. / P. Pretender, tentar.
- intender: Exercer vigilância; superintender. / E. Invigilate; superintend.
- 79 -- intoxicated: Drunk. / P. Embriagado.
- intoxicado: Envenenado. / E. Poisoned.
- 80 -- introduce: Present one person to another. / P. Apresentar.
- introduzir: Levar para dentro; adotar. / E. Bring in.
- 81 -- large: Of great dimensions. / P. Grande, vasto.
- larja: Extensão transversalmente; generoso. / E. Wide, broad.
- 82 -- lecture: Discourse, admonition. / P. Conferência, aula, universitária.
- lectura: Ato de ler; aquilo que se lê. / E. Reading; reading-matter.
- 83 -- legacy: Envoy, deputy of Pope. / P. Nuncio apostólico.
- legado: Crusa ou valor deixados em testamento. / E. Legacy.
- 84 -- library: Bookroom in house or institution book-collection. / P. Gabinete de livros, biblioteca.
- biblioteca: Estabelecimento de venda de livros. / E. Bookshop.
- 85 -- lucre: Money, pecuniary profit. / P. Dinheiro, lucro: Produto livre de despesas; proveito. / E. Net gains; profit.
- 86 -- luxury: Habit of expensive food; clothes, residence. / P. Luxo.
- luxuria: Luxúria; sensualidade; corrupção. / E. Libertinage; sensuality.
- 87 -- mark: Sign, standard; numerical award at examination. / P. Nota.
- marca: Sinal; cunho; carimbo; distintivo. / E. Stamp; badge.
- 88 -- miserable: Unhappy, wretched. / P. Infeliz, degradado.
- miserável: Indigente; desprezível, avara; digno de compaixão. / E. Poverty-stricken; contemptible; the same as above.
- 89 -- mole: Birthmark; small burrowing animal; breakwater. / P. Sinal de nascença; moehe.
- mole: Sobe. / Volume enorme, construção vasta; Adj.: Brando: Preguiçoso. / E. Noun: Mass, pile; Adj.: Soft; lazybones.
- 90 -- morale: Talk in moral tone, utter moral reflections. / P. Discorrer moralmente, filosofar.
- morális: Corrigir, influir idéias sáias em. / E. Regenerate; edify.
- 91 -- morose: Unsocial, gloomy. / P. Tacturno, associal.
- moro: Lento, vagaroso. / E. slow.
- 92 -- navy: A country's entire fleet of warships. / P. Marinha.
- navio: Embaressão grande. / E. Ship.
- 93 -- note: Annotation; bank-note; stigma. / P. Bilhete; nodos.
- nota: Apontamento; papel moeda; sinal representando valor de qualquer trabalho escalar; sinal em música representando o som. / E. Note; bank-note; mark;
- 94 -- notice: Intimation. / P. Aviso.
- notícia: Novidade. / E. A piece of news.
- notícias: Informação. / E. News.

# OLAVO BILAC -

Alberto de Oliveira  
e Raimundo Correia

Olavo Bilac é um nome que já se faz imediatamente festear.

No muito tempo que começo a ler, alguns colunas do imprensa fluminense, mas nemhum dos nossos homens de lettras, proclamaram tal estrado os méritos da sua poesia.

Vou confirmar este absurdo: o seu nome, fato, de que se orgulha, é exímio, excepção a exército de mal se pôde com antecedência avistar pelo que já existe publicado em suas literas, tanto da Corte, como o Boletim de Notícias, o Semanário, a Imprensa, etc.

Quem se opõe com maior fôlego aos parâmetros humanos desses linguistas, vigoroso e ao mesmo tempo tenaz, que serão o de deus, se não fizer o deus, é o jovem autor do *Delenda Cartago*, Ramo Vassoura, já inicamente existência e o que se chama um mito de roca.

Nos se dirá, por ora, que as regras que perfazem a beleza sejam inúmeras, cuja nunca exploradas, mas ainda há, por certo, em tais regras para muitos e muito explorar.

Não está isento de perigos e culto, evidentemente, que tanto distingue a época literária, que estavam: vê-se, hoje, entre nós, que são por demais restritas as modalidades de estilos, e que este, por seradamente invariável e uniforme, tende a fundir todos os individualidades num só tipo, que não denuncia a um verdadeiro temperamento artístico para desenvolver um gênero caro.

Em tempos assim, em que o ideal, se houver, é medro, é aranhado em multidões de ferro, quem, como Olavo

Bilac, conseguir alargar a trilha, não só outros pisaram, fera festejado.

O poeta salte verter em suas extrotes, onde há ruíno que sonhando e reflexos metafísicos, o fizer se certar com sua a filha de Olimpo, cantava os elmas, possue entre e polvor sub e orquíopeira mundana de seu verso cláusura nova que não é sendo o legítimo ideal de que vivemos de mortais.

A apreciação das novas leituras devecerá, por opção, os seguidores românicos de Olavo Bilac e permitir o prosseguimento das batalhas de um sanguinário.

## A um velho

Anos... Um novo sol aponta no horizonte.

E ilustra-te a poeira e ilumina-te a fronte.

Livido, o olhar tem luz, ralo e manso.

Ita, calmo.

Sobre o peito a tremer a borta em torno.

Desça combatendo o entanto de Idrogosa.

Do velhice... Que mais te ofereceu?

Um prego bordado para o portar.

Ins paixão.

Quem te estendeu o vido, extendeu-te.

Ita-te o broqui?

Os desmemorizou, em sangue os pés.

Itzozinho.

Era herciano o terrívél, trave a ferro.

Tocar o comino.

Sinistro, ocidental.

Uvava perfeita.

Ita e vestre.

E redudem braches no orquestra fute-

mento.

Torpedo de ferro, a coroa passa.

Italo.

Vollvol, perscrutando o cominho.

Itzompo, E solenes o olhar, e o olhar plácido.

Itzolé, Vai direi um lito a trevo, o trevo do Journe todo.

E ussozinhos vindos, vultos extraordinares.

Desbarbando, a gemer, os trâmulos

Juducos.

Scavo e surdo rumor de um envardo

Izavondo.

Linge o teu... E paraste extinto.

Ime.

Foi escudo.

Forçou te escutar no escuro, de

A instantes, atroz de ti, um passo

Evocante.

Como o teu. E, ostentando, entre

Laugia e espanto,

Visse que vinha alguém comparando

Teu o teu pronto,

Turbando a mesma sende, horrivel

[que] trillava.

E enxuguentando os pes, onde os

[ensanguentados].

E sorriste. No seu fulgurante, um

Letreiro.

E se sentisse falar subitamente, os vés-

tas.

Ten, velho, dorido dentro de peito.

Ironicamente.

Desperdo do tempo num deradeiro

Tesouro.

De trouxe... sum voz, deceptivo,

Impudente.

Trípeón, sem vigor, sem vida.

(de repente)

Rico a jubo, e, abalando o solidão

Entrem.

Uma ulm velho ledo numa aportada

Eluno.

desnecessário é comentar-las. O leitor saudará os já sentindo esse sorte de caleidoscópio nervoso que desenrola nos temperamentos estéticos o passeio do impresso do que é belo, de que é perfeito.

Com o publicado nas *Cyclantes*, título que deve ornar a magnifica

coleção de suas poesias, Olavo Bilac virá a conquistar um dos primeiros lugares em nossa literatura.

De coração reciprocamente os nossos presentes.

Alberto de Oliveira & Raimundo Correia

(O Yassourense de 4-4-86)



A gloriosa triindade poesiana do Brasil: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac. — O artigo que aqui publicamos é uma homenagem ao velho bretoneiro; é um trabalho de colaboração dos dois primeiros sobre o terceiro.

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA



Ascenso Ferreira, em companhia de Odorico Tavares, num desenho de Augusto Ribeiro. — Sintese caricatura no "Diário de Pernambuco", em 33 de Julho de 1939.

## BRANQUINHA

Branquinha,  
Branquinha  
é suco de cana,  
pouquinho, — é rainha  
Muitão, — é tirana...

— "Adens mamãe de Loandal  
— Adens meu filho Nogueiral  
O que te viste na flora?  
— Cuir des de cada banda...  
Semeio por terra bêbe  
Rafar no chão deitado.  
Bicha mãe, venha mais branca...  
que em jejam eu te arrecohei!"

Branquinha,  
Branquinha  
é suco de cana,  
pouquinho, — é rainha  
Muitão, — é tirana...

Uma das meus ascendentes mais notáveis  
nascido de muitas terras e escravos  
No Brejo da Madre Deus,  
depois do sacrifício da missa,  
que o capelão santamente rezava,  
tomava uma lapada bôa de "branquinha"  
dava garra de uma espada  
que pesava bem dos quilos  
e gritava entusiasmado  
para os negros e para os bois:

— QUEM NAO ACREDITAR EM NOSSO SENHOR JESUS CRISTO APAREÇAI

Branquinha,  
Branquinha  
é suco de cana,  
pouquinho, — é rainha  
Muitão, — é tirana...

"Soco de cana-colana,  
panada nos alinhimbis,  
pode só qui prejudique...  
mas bebe toda sumana".

— "Adens mamãe de Loandal!  
— Adens meu filho Nogueiral!"

Os revoltosos de 1817  
desceram vinho da mesa porque era português!

## NOTA SOBRE ASCENSO FERREIRA

No modernismo brasileiro, uma voz se destacou singular, exaltando a poesia da vida e do ambiente de Pernambuco: foi a voz de Ascenso Ferreira. Filho do Nordeste, amando o povo e a terra daquela região como não os souberam amar nem outro poeta — Ascenso Ferreira criou, por isso mesmo, uma poesia própria, de acentos inconfundíveis. Seus versos de "Cana-Caiana" dão-nos a respirar os perfumes das flores silvestres do interior pernambucano, fazem-nos ver as massas gentes dos vastos canaviais agitados pelas ventos. E trazem para dentro dos nossos olhos as figuras familiares da vida no Pernambuco, as belas morenas ("madeira que o cupim não rota"), os devotos de São Sebastião, levando uma galinha gorda para a Missa; o senhor de engenho que reune as suas cabras para uma aventura louca; a multa cheia de dengues que dão estúpidos saborismos...

Ascenso Ferreira comparece hoje em nossa antologia com um seleto de seu livro "Cana-Caiana". Como não dispomos, no momento, dos dados bibliográficos do poeta, daremos essas informações em outra ocasião.

João Caroco comia cobra vivida,  
trocando a bicha viva nos dentes  
e engolindo os pedaços com cachaça!

Zé-Poguetinho de Palmeira,  
um dia estando risado,  
escourou uma bomba de dinamite na mofa!...

Seu Neco de Pasta Grande  
trepu-se já meio resfo

em cima de dois cacaús  
e disse que estava voando de aeroplano!

Muita avô dizia  
que a avô dela dizia  
ter sido a "Branquinha"  
quem gritou a República de Olinda!

— "Adens mamãe de Loandal!"  
— "Adens meu filho Nogueiral!"

Contam os veteranos do Paraisópolis,  
que rasgavam no dentre o cartucho,  
misturavam pólvora com aquardente,  
massavam a mistura no bucho  
e depois iam brigar...

"Em jejam eu te arrecohei  
Cuma xarope dos bêbôs...  
Tu pezas, — eu acrropo!  
Bates comigo no chão,  
— bate contigo no bucho..."

— "Adens mamãe de Loandal!"  
— "Adens meu filho Nogueiral!"

## A PEGA DO BOI

A res tremulada  
ouviu na quebrada  
soar a toada  
de alguém que abotoou:

Há-há-há-há-há!  
Vai!  
Meu boi Surubim...  
Boi!  
Boiabol

é logo espanhola,  
sentindo a sacada,  
do malo ensonada...

Agora, o vanegro,  
monstrando o V-livro,  
também mercúrio...

On cracou sua pedra  
davam exala risco  
que dem o coiso  
de norte no con...

Saltaram violões,  
muitos olhos  
posaram faleiros  
e mandacurais...

Ave que enlou...

No Jataí,  
do Cató,  
bem ando a um id  
de mui-coro.  
ja da Era  
ta direção...

— O raba da bicha recebe na mán!

(Poderijo dançando e dançando no chão).

Mas baixa a poena  
a res mandaguira,  
por terce flor...

E um poia de glória no espaço vibrou:

Há-há-há-há-há!  
Vai!  
Meu boi Surubim...  
Boi!  
Boiabol

## A MULA DE PADRE

Um dia no engonço,  
ja tarde da noite  
que estava tão preta  
como carvão...

A gente faltava de assombração:

— O arô de Zé Pinga-Fogo  
andou herejo morto na mata,  
com o peto varado  
pela canela do Pé-de-Espeto!

— O cachorro do Brabo Manso  
levou, sexta-feira passada,  
uma surra das calipotas.

— A Mula-de-Padre quis beber o sangue  
da mulher de Chico-Lolão...

Na noite tão preta como carvão  
a gente falava de assombração:

Lá em baixo, a almanjarrá,  
a cara almanjarrá  
grinxa e canhia  
que o engonço Alegría  
é bom moedor...

— Ah nadocinha!  
— Eh Aga Brasil!  
— Eh Beija-Flor...

Pela bataceira  
os bois tumbavam  
e as equas passavam  
esperando a vez  
de entrar no rojão...

Poi quando se deu  
a coisa esquisita:  
mordendo, rinchando,  
as popas e aos pulos,  
se ponda de pé  
com artes de cão,  
surgiu uma besta sem ser dell' não...

— Atalha a bicha, Baracina!  
— Sustenta o laço, Marcinha!

E a besta agarrada  
entrou na almanjarrá,  
tocou-se-lhe a pele  
só de mania...

E depois que ela foi solta,  
entupiu no ôco do mundo!  
Num abrir e fechar d'olhos a maldita se encantou!

De tardinha,

gente vindia

da cidade

trouxe a nova

de que a ama

de seu padre

Serrador...

almanjarrá tão surrada  
que causava complicações!

Na noite tão preta como carvão  
a gente falava de assombração...

# CONTEMPORÂNEA - 1.ª Série - Antologia da Poesia - XXVI- Ascenso Ferreira

## A CABRA CABRIOLA

O vento zunia na noite sem termos:  
— E a Cabra-Cabriola que te quer pegar!

Romaria de rio da mata nos ermos:  
— E a Cabra-Cabriola que te quer pegar!

O burrozão cantando para a luna:  
— E a Cabra-Cabriola que te quer pegar!

— Mamãe, os meus filhos estavam fadados?  
— A mãe fôr ao Rio das Jazidas lúvias...  
— E não estavaram n'voz da deidade?

— Ah, disse que a noite mandou o ferreiro bater a gavurria ate afilar...  
— E quando voltou por que não matou-lá?

— Quando ela voltou  
nada encontrava  
vive-se em chorar...

— Quando eu ficar grande  
essa Cabriola me há de pegar!

30 anos passaram  
e quando já estou,  
meu, junto a meu leito,  
humide já não estou...

Enfado-me o sono  
um monstro a gritar:

— Expeça dabilidá gi mal!

— Cabra-Cabriola, chega me pegar!

## A CASA - GRANDE DE MÁ-GAÍPE

Há muito tempo que a Usina estava dinizada com elas!  
A linda casa-colonial cheia de assombrações...

Debalde, vla. a Usina,  
Mostrava ornulhos  
o seu beco com aquela pose de girafa!

Debalde mostrava:  
o giro das rodas  
o brilho dos aços  
o espelho dos latões...

Nada! Todo mundo que lá ia  
se dava nos jardins  
velhas bombas da linda casa-colonial cheia de assombras... (bracões...)

Tentou um esforço derredoreiro:  
mandou mestre-Carnauba  
fazer um samba bem marcado,  
afim deles cantar alegra,  
se som dos pavões  
de suas bombas-de-pressão:

"Olha a volta da turbina,  
da turbina, da turbina,  
da turbina da Usina,  
da Usina brasileira!  
Olha a volta da turbina,  
a turbina, da turbina,  
da turbina da Usina,  
da Usina brasileira..."

Qual! Todo mundo só falava  
na linda casa-colonial cheia de assombrações...

A vaca Turiná,  
O cavalo Cachito,  
O burro Manhoso  
O cachorro Valecão  
Todas, a uma voz, unidos repetiam:  
— E bom de dormir na velha terraço  
prestigiado por 4 séculos de assombrações!

Batida a Usina não pôde mais!  
Mandou meter a picareta nas pedras lendárias;  
destruir os quartos mal-assombrados;  
enfumar os fantasmas de salas de seda  
e capas de ermitões,  
respondendo, insolente, à falacria que se levantou:

"Olha a volta da turbina,  
da turbina, da turbina,  
da turbina da Usina,  
da Usina brasileira!  
Olha a volta da turbina,  
da turbina, da turbina,  
da turbina da Usina,  
da Usina brasileira..."

## MULATA SARARA'

O exijente te dice: — Deixa tua cabeca  
deix-te o Mulatozinho apertando tua cabeca.  
— Tens olhos enjô, olhar faz a gente desistir —

No final quero te traga essa lindura é tua,  
pois tu és de verdade, uma enxa bomba;

— Madeira que o rapaz não roer!  
— Madeira que o rapaz não roer!

Faz — que os modas,  
costumes e gostos,  
posturas, prós testes  
carne e carne...

Paris — gente de ouvir!  
— Boa de Tabacal  
— Guela de Sucuri!

Que engole Odalisca,  
Rajado e Sultanais,  
as Genhas, Mumus,  
os Brays e os Pachás...

— E engoliu até a negra Josephina Baker!

Paris, contigo, topou fol das  
Foi rocha exquista que nadou desatre!

Nossa-Senhora abençoe teus avós de Lâbor...

— Madeira que o cupim não roer!  
— Madeira que o cupim não roer!

## TORE'

Os dois marujos,  
um fino e outro grosso  
fazem algôroto  
nas mãos do Paje;

— Toré!  
— Toré!

Bambu entrelaçado,  
compridos e desos,  
produzem sons roucos  
de querêquê:

— Toré!  
— Toré!

Li vem a men-branca,  
no fino e outro grosso  
vem alto gritando,  
— Meu Deus o que é? —

— Toré!  
— Toré!

E o carú-cará  
que está na floresta  
vai ver minha besta  
de pânu-catolé!

— Toré!  
— Toré!

Caboclo bonita  
do passo quebrado,  
teu beijo encarnado  
parece um café!

— Toré!  
— Toré!

Pra te ver, caboclo,  
na minha maloca,  
flando na rôca,  
torrando pipoca,  
eu entre na toca,  
mato onça a queicé!

— Toré!  
— Toré!

## SENHOR SANJOAO

Em frente à Foguelha,  
Zusa-Espaduado,  
benzeu-se sereno  
e fez oração:

— Cho-élio!  
Cho-élio!

Depois levantou  
a vista pró céu  
pra ver se espiava  
senhor Sanjoão!

E meteu os pés numinhos nas brasas de fogo quente!

Danou-as! Só quem tem os pés de solat

Porém Zusa, vadando, andou pra lá e pra cá!  
Caxeteando, se agachou, pondo fogo no cachaibol  
Nopol, puxando a pistola, atirou fixe no chão!

— Viva Senhor Sanjoão!  
— Vivôôô!

## A FORÇA DA LUA

Não te cheques, assim para mim,

é Maria!

Alli, não te cheques, não...

A Lua-Cheia tem muita força.

Maria

— E o luar sempre foi a nossa perdição...

O vento que assopra,

assopra com força...

Há força na África,

— repara a maré;

E há forças também ocultas na gente,  
talvez que a das Águas ensobre até...

Não te cheques, assim, para mim,  
é Maria!

Alli, não te cheques, não...

Há força nas Águas, há força nos ventos,

forças que em nós ocultas estão...

A Lua-Chélia tem força muita, Maria!

— E o luar sempre foi a nossa perdição!

## O "VERDE"

Meu boi surubim a serra está cachimbando!  
Ainda ontem de tardinha, sabia estava cantando  
aquele moda que parece uma canção de nimar...

(Aquele moda que parece uma canção de nimar).

\*Chove chuva!  
Pra nascê capim!  
Pró boi comer!  
Pró boi sajar!  
Pró sabá cheir!  
Pró fazer seu ninho!  
Pra pô seus ovos!  
Pró criar seus filhinhos!  
Chove chuva!  
Vaaah!

No peito das vacas manhas o leite estava minguando!  
Os meninos, lá por casa, coitadinhos, se lastimando,  
todos eles, a mãe deles, só pedindo pra mamá...

(Todos eles, a mãe deles, só pedindo que mamari)

O Bicho do Navio torrado estava ficando!  
No cercado, palma-tória, depresinha, se acalando,  
daqui a três-quinze dias grande era nosso penar...

(Daqui a três-quinze dias grande era nosso penar)

Porém, meu boi surubim, a serra está cachimbando!  
O "Verde" já vem ai que sabia estava cantando  
aquele moda que parece uma canção de nimar...

(Aquele moda que parece uma canção de nimar)

\*Chove chuva!  
Pra nascê capim!  
Pró boi comer!  
Pró boi sajar!  
Pró sabá cheir!  
Pró fazer seu ninho!  
Pra pô seus ovos!  
Pró criar seus filhinhos!  
Chove chuva!  
Vaaah!

## SENROR DE ENGENHO

— Calmanha!  
Chama al Zé-Pinga-Fogo,  
Batinga, Pedro-Quiximbeque,  
Mand-Ranga-Cuela,  
aquele negro da orelha lamba  
e o velho Pedro-Cancio!

— Pronto, seu coronel!

— Teem coragem de morrer na bala,  
cabras danadões!

— Bô a gente vendido, patrôn!

— Então ajuntem as redes todas,  
vamos dar uma pescaria,  
que eu estou com vontade de comer caril!

## SUCESSAO DE SAO PEDRO

— Seu Vigário!  
está aqui está calunga gorda  
que eu trouxe prô Martin São Félix!

— Está falando com ele!

— Está falando com ele!

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - 1.ª Série - Antologia da Poesia - XXIV - Iscenso Ferreira

## NORDESTE

O ferreiro malhando no topo das barraudas.  
Nas lombadas da serra o sol é de lascar...  
— Nem uma folha só fazendo movimento! —  
  
— Nâna! O Nâna!  
— In-de!  
— Chega me abanar...  
  
Pouco a pouco, porém, vem vindos um frio lento  
trazido pelas mãos de moça do luar...  
— Que guio nos coqueiros acarinharados pelo vento? —  
  
— Nâna! O Nâna!  
— In-de!  
— Chega me esquentar...

que amotram, molengas,  
as minhas minhas  
pra a gente manjar...

— Vou danado pra Catende!  
Vou danado pra Catende!  
Vou danado pra Catende!  
Com vontade de chegar!

Dapõe-se as moças...  
Se arqueta... faz onda...  
— Que nadal — É um partide  
— Já bon de cortar...

— Vou danado pra Catende!  
Vou danado pra Catende!  
Vou danado pra Catende!  
Com vontade de chegar!

Na boca da mata  
há fumas incríveis,  
que em colas terríveis  
tios fazem pensar

— Ali dorme o Pai-da-Mata!  
— Ali é a casa das Caipiras!

Cana-cana,  
Cana-roxa,  
Cana-fita  
casas qual a mais bonita  
todas boas de chupar...

— Adeus, morena do cabelo cacheado!

— Vou danado pra Catende!  
Vou danado pra Catende!  
Vou danado pra Catende!  
Com vontade de chegar!

— Ali dorme o Pai-da-Mata!  
— Ali é a Casa das Caipiras!

## TREM DE ALAGOAS

O sino bate,  
O condutor apita, o apito,  
soltá o trem de ferro um grito,  
põe-se logo a caminhar:

— Vou danado pra Catende!  
Vou danado pra Catende!  
Vou danado pra Catende!  
Com vontade de chegar!

Mergulham mocambos  
nos mangues molhados  
moleques, mulatas,  
ven vê-lo passar;

— Adeus!  
— Adeus!

Mangueiras, coqueiros,  
rajueiros em flor,  
cajuzeiros com frutos  
já bons de chupar...

— Adeus morena do cabelo cacheado!

Mangabas maduras,  
mamões amarelos,  
mamões amarelos,

Meu Deus, já deixamos  
a praia tão longe...  
No entanto avistamos  
bem perto outro mar!

*Ol Síndico Fijo, estando na  
área o número do "Jornal"  
Sua sauda.*

*(Assinatura)*

"Fac-símile de um autógrafo de Antônio Ferreira."

## MONÓLOGO COM A EMIGRADA -- LÊDO IVO

C'est le poète qui console l'humanité!

ISIDORE DUCASSE, comte de Lautreamont.

Há dias, eu me encontrava no último andar de um edifício e, de subito, comecei a escutar, vinda de um apartamento, a "Palhaço segundo São Mateus", de Bach. Durante incontáveis minutos ouvi essa laboriosa execução, que alguém estaria executando diante de uma eletrôla, indiferente aos bondes que passavam levando gente para o Flamengo e o Botafogo, aos ônibus plenos de cotidiano, à vida que se misturava com o sol, à euforia, à alegria matinal. Era domingo, porém me pareceu que, mesmo em vista de se tratar de um dia de descanso, aquela música estava afetuando uma violência, uma intolerância. Os homens passavam indiferentes, sem lhe prestar a menor atenção. O gênio de João Sebastião Bach, entre arranhões e cacos, durava quatro horas, mas ninguém o percebia. Enfrentava, uma Janeira ou um elevador fizeram com que eu o escutasse e lamentasse não poder ouvi-lo mais de perto.

Depois, uma tristeza me invadiu, tristeza vinda do peito íntimo do poeta. Nesta hora trágica, o mundo está desprezando a Poesia, os homens passam indiferentes aos apelos e êxtases contidos nos versos, como os sentimentos diante da audição de Bach. A Poesia é, mais uma vez, a Grande Desprezada, a Emigrada. E parece incrível que algumas poetas procurem dar aos seus versos um quê de acessibilidade procurada, de concessão, como se quisessem assim fazer as paixões com o inimigo que é a incompREENsão, a falta de interesse do público.

A Poesia é hoje uma intol-

rância, uma violência, lançaram-na mais uma vez nas foguetas da Inquisição representadas pelas exigências da vida moderna, e exigem que sua condição primordial de aceitação seja a utilidade ao imediatismo, ao que pertence unicamente a estes tempos — a estes desvairados tempos de hoje, em que as bombas estão calmo nos parques e nos jardins; destruindo cidades matando soldados, e na violência não se fizeram esquecer, acordada que está em nosso espírito a lembrança dos sábios jogados aos campos de concentração dos poemas de Rilke queimados, das músicas de Mozart incendiadas. Em vão a Poesia fala de todos esses rumores, conta os homens a lutar com a esperança em seu privilégio: os homens não a querem ouvir.

Apesar da inexistência da confortável torre de marfim, todos os poetas têm de se situar em uma zona de difícil acesso, em uma colina que está a esperar pelas grandes e heróicas escaladas. Mas somente o poeta consegue a explicação de que o mundo necessita, e a transmitir ao menor sinal, em qualquer lugar, nos mercados, nas estações, nos campos de batalha, e até mesmo nas praias, onde as espumas das ondas brilham eternamente.

Os homens devem compreender o supremo sacrifício dos poetas. Um poema é uma coisa difícil e dolorosa como um parto, e para que seja compreendido, é necessário que sua realização poética seja perfeitamente realizada, obedecendo às menores exigências do obscuro código de interpretação e decomposição poéticas. A Poesia é complexa e absoluta.

E' doloroso que muitos, ao poupar os olhos diante de um

poema, procurem nele apenas o que interessa a si, as suas viciosa e pontas de vista, pois por ele pouçada e disciplinada, esse procedimento equivale a desfigurar o próprio poema, deavaliar, essa "princesse du sonnet" que é a Poesia, a grande essência da Presença. O poeta escreve para toda a Humanidade, para os banqueiros e operários, crianças e velhos, soldados e pais, mulheres e estudantes, mas o que ele pretende transmitir é sua palavra, nascida de coisas aquosas e invisíveis do sol, deportada por correntes oníricas para as praias do mundo visível, imóvel e confiante ao ser transportada para o papel, como se pela primeira vez alguém estivesse empregando a palavra "noite" da linguagem escrita. A posição do poeta, no mundo, deve ser grave, sozinha e primacial. Ele é o boxer das palavras o mágico, o pinheiro a anunciar a primavera nos desertos. O mundo é, realmente, o que ele imagina, tem na felicidade dolorosa e vulgar de seus poemas, e a Poesia é a voz desse mundo, sua verdadeira arquitetura, com as linhas e os planos colhidos no momento em que a dor grava a experiência longamente elaborada e os elementos se ordenam dentro de sua forma conciente, e as fugas são os sinais de possíveis insuficiências de palavras escritas.

Muitos pretendem ver no poeta um a-político, um desinteressado dos problemas, que ocupam as manchetas dos jornais, as conversas dos homens da rua, das moças tédias que trabalham em escritórios, dos trabalhadores das docas que oferecem fardos aos navios, como se um poema não fosse programa político, e não obedecesse às diretrizes que refletem a posição do poeta em face das coisas, dos acontecimentos, dos seres, da vi-

da. Apenas ele se julga e justifica dentro de sua realização. A missão do poeta é cantar, e esse canto seja universal, tornar de sua particularidade. Isto deve ser realizado com a fúria de uma criança desatada, da que inventasse — como a ave que acontece — um vocalário pessoal e lhe exalte-se de pronto, u m a universidade, acreditando que ele poderia ser utilizado por diferentes países e ser língua oficial de países, e compor um jogo destruído.

O mesmo se dá quanto a cultura e a magia de um lirismo anárquico estão a escorrer com a limpidez da água de uma fonte. Nada mais lógico portanto, do que sua habitual tentação em dar um equilíbrio ao caos que o rodeia. Esse equilíbrio não incorre, contudo, no estabelecimento e assegurado. Um clínico, diante de uma mesa de operação, ou um datilógrafo, executam referas que visam normalizar determinados fatos, equilibrar elementos. Um poeta, mesmo após a existência de Lord Byron, Percy Bysshe Shelley, Rimbaud, Lautreamont, Dante, Camões, Baudeleire, Alfonso de Quimaraes e tantos outros, seria sórbito um clínico a realizar a primeira operação do mundo, a se equilibrar por intermédio da violência e da intolerância, em detrimento ao fato de o mundo exercer nele uma irremediável intolerância de policiamento.

O mundo também é uma estranha princesa de sono louco, e é neste misterioso sono que podemos encontrar a fantástica atmosfera de magia, sonho, violões, impossibilidades, alucinações. Daí o heroico desejo de comunicação, a luta contra as formas rígidas, sistemáticas e discripções, a Canto implacável que sai do peito machucado do Poeta.

Não se curvam diante do misterio, graves como aquela princesa que na dia derrubou a mamãe: "Por que é que a menina caminhando sobre o mar, nem caminhando sempre e sempre afunda?"

Também a poesia, a Deslizada à Emigrada, vem caminhando sobre o mar. Sempre venhendo caminhando sobre o mar a funda

# Heredia em Português - La Conque

Par quels froids Océans, depuis combien d'hivers,  
— Qui le saura jamais, Conque frêle et nacrée! —  
La houle, les courants et les raz de marée  
T'ont-ils rouée au creux de leurs abîmes vides?

Aujourd'hui, sous le ciel, loin des reflux amers,  
Tu t'es fait un doux lit de l'arête dorée.  
Mais ton espoir est vain, Longue et désespérée,  
Tu t'en pénit toujours la grande voix des mers.

Mon âme est devenue une prison sonore:  
Et comme entes réplis plante et soupire encore  
La plainte du refrain de l'ancienne clameur;

Plus de plus profond de ce couer trop plein d'Elle,  
Lente, lente, insensible et pourtant éternelle,  
Glace en moi l'orageuse et lointaine rumeur.

I

## A Concha

(FREITAS GUIMARAES)

Quando invernos há, e por que frios mares,  
Quem nunca o saberá a concha nacrada? —  
Nas abismos a ti trouxeram-te arrastada  
As marelhas eruidas e as ondas seculares?

E tu, que sob o céu, longe dos mil azares,  
Foste o leito alí sobre a areia dourada.  
Tua esperança é vã! longa e desesperada,  
Graça em teu seio a voz do oceano ou sus pezões.

Minha alma se tornou numa prisão sonora:  
Qual nesse teu regaço,inda suspira e chora  
Tudo o antigo clamor dessa queixa taminha,

Tu, no meu coração, que vive cheio dela,  
Um longínquo rumor de tremenda procela.  
Surdo, insensível, lento, eterno, me acompanha!

II

## A Concha

(EUGENIO SAVARD)

Eis que mares sem termos, e desde quantos anos  
Quem saberá jamais, ó concha nacrada?  
A escravidão, a corrente, as ondas em manada  
Te arrastaram por entre esses verdes arcanos?

Hoje, à lug, forta da água e dos fluxos tiranos,  
Graça um macio leito esta areia dourada.  
Mas, esperança vã! Longa e desesperada,  
Eternamente em ti gem a voz dos oceanos.

Minha alma transformou-se em cárcere sonoro:  
E como em ti também chora e suspira ainda  
Esse antigo clamor, essa lástima infinida,  
No fundo do coração cheio — dela que adoro.

— Lento, insensível, surdo, e perpétuo entretanto,  
Ruge em mim o longínquo e tempestuoso canto.

III

## A Concha

(CRUZ FILHO)

Por que Océanos glaciais, e há quantos centenares  
De anos, — quem o dirá, frágil concha rosada! —  
Te rolaram no abismo o esto da vaga irada  
E as correntes do pego, em Júgubras premartas?

Hoje, sob outros céus longe dos pátrios lares,  
Desconsolada, afinal, sobre a areia dourada.  
Mas teu anelio é vã! Longa e desesperada,  
Em ti soluça sempre a grande voz dos mares.

Minha alma, é, como a tua, uma prisão sonora:  
E tal com em teu seio ainda soluça e chora  
O queixume sem fim do oceânico clamor;

Assim, no coração, que Ela habita e governa,  
Surda, lenta, ignorada e, todavia, eterna,  
Chora em mim a canção de um longínquo rumor...

IV

## A Concha

(RAUL MACHADO)

Por quanto mar gelado, e desde quantos anos,  
— Quem o dirá jamais, róseo e querido tesouro! —  
A vaga, a correnteza, a enchente e o sorvedouro  
Te levaram, rolando, em seus golhões insanos?

Hoje, livre, porém, dos vórtices tiranos,  
Tentas, feliz, dormir sobre as areias de ouro.  
Mas, o tentas em vão! Pela, largo e imorredoso,  
Soluça, no teu seio, o choro das águas.

Minha alma também lembra uma prisão sonora:  
E como, forte, em ti, ainda suspira e chora,  
Na antiga voz do mar, a música das águas,  
Assim, no coração, morto de amor por Ela,  
Surdo e eterno bramir de longínqua procela —  
Ruge em mim o clamor de inesquecidas magasas!

V

## A Concha

(CARLOS KRANDAO)

Quem o tempo dirá e os oceanos frementes,  
Que as ondas, as marés ó concha nacrada,  
Fizeram-te rolar, sozinha e abandonada.  
Do glabelo abismo, ao fundo, só sabor das cor-  
rentes?..

Em calma, sob o céu, longe do oceano, sentes  
Hoje a docura e a paz, na areia, repousada...  
Mas, esperança vã!... Longa e desesperada,  
Em ti retumba a voz das vagas inclemtes...

Minha alma se tornou uma prisão sonora!...  
E, assim como em seu seio ainda suspira e chora  
A grande voz do mar, num querido clamor,  
Também do coração, onde Ela sempre existe,  
Surdo, invisível, lento e eternamente triste,  
Sobe um ruivo marulho, um íntimo rumor... .

VI

## A Concha

(LUIZ FRANCO)

Depois de tanto inverno, a que gelado oceano  
Posse, quem saberá, ó concha nacrada!  
Das correntes do mar, ao poder soberano.  
No abismo verde andaste sempre abandonada?

Um leito agora tens sobre a areia dourada,  
Sob o infinito céu, longe do horror insano:  
Mas, esperança vã! gême desesperada  
Em ti da voz do mar, o misterioso arcano.

Minha alma se tornou uma prisão sonora:  
Como no seio teu ainda suspira e chora  
Ecoando sem cessar todo o antigo clamor,

Assim no coração, que por Ela palpita,  
Como a voz que há em ti, surda, lenta, infinita,  
Ruge em mim tempestuoso e longínquo rumor.

VII

## A Concha

(ERNANI LOPES)

Por que oceanos glaciais, desde quantos invernos  
— Quem poderá saber, ó concha nacrada! —  
Tens roldado com a onda, em seus val-vens eternos,  
Frágil filha do mar, pelo mar sequestrada,

Mas fugiste. E, ao calor de bons ventos galeros,  
Tentas hoje dormir sobre a areia dourada.  
Em vão! Que no teu bojo ouves, desesperada,  
Sempre o tristíssimo ecoar dos lamentos paternos.

Minha alma é também hoje uma prisão sonora  
E como no teu seio ainda suspira e chora  
Da grande voz do mar o intérmino clamor,  
Assim, no coração que a adora tanto e tanto.

Lento, insensível, surdo, e perene, entretanto,  
Ruge em mim da saudade o longínquo rumor.

VIII

## A Concha

(LUCIO MERQUITA)

Em que mares de gelo, após quantos invernos,  
— Quem te dissera um dia, ó concha nacrada!  
Os turbilhões nem fim da água que ruge e brisa  
Levaram-te, em fragor, aos abismos supernos?

Hoje, sobre este chão, longe os fluxos eternos,  
Achaste um leito suave — esta areia dourada.  
Mas a esperança, é vã! Longa e desesperada  
Diz uma interna voz teus suspiros internos.

Eu tenho na minha alma uma prisão sonora,  
E como no teu seio ainda suspira e chora  
O prantíngue reffrão do altro clamor extinto,

Assim, no coração em que Ela, eterna, habita  
Surda e lenta, porém dolorosa e infinita,  
Uma longínqua voz de saudades eu sinto.

IX

## A Concha

(M. C. BANDEIRA FILHO)

De tua estranha vida os dias singulares  
Quem saberá jamais, ó concha nacrada?...  
Quantos invernos foste envolta e transportada  
No largo seio azul das ondas seculares?

Hoje, longe do mar, sob a amplidão dos ares,  
Fizeste um doce leito entre a areia dourada.  
Mas a tua esperança é vã! Desesperada  
Sempre há de em ti gemer a grande voz dos mares!

Minha alma se tornou numa prisão sonora,  
E como no teu seio assim suspira e chora,  
Como uma longa queixa, o remoto clamor;

Nesse meu coração tão cheio d'Elas, tanto!...  
Surdo, insensível, lento, e eterno no entretanto,  
Brane o tempestuoso e longínquo rumor... .

**NOTA** — M. C. Souza Bandeira Filho é o nome com que outrora assinava os seus trabalhos o poeta Manuel Bandeira. Sua tradução de "A Concha" apareceu na "Renascença", dezembro de 1906.

